

**POR QUE É TÃO DIFÍCIL SER UM POLÍTICO LIBERAL:  
ARGUMENTOS, RECOMENDAÇÕES E DICAS**

Rainer Erkens



**POR QUE É TÃO DIFÍCIL SER UM POLÍTICO LIBERAL:  
ARGUMENTOS, RECOMENDAÇÕES E DICAS**

Rainer Erkens

Instituto Friedrich Naumann

Capa e diagramação: Beate Forbriger

---

Por que é tão difícil ser um político liberal: argumentos, recomendações e dicas / Rainer Erkens - São Paulo: Instituto Friedrich Naumann, 2008, 60 p.

ISBN 978-85-61954-02-4

---

Todos os direitos reservados ao

Instituto Friedrich Naumann  
Rua Arandú, 1544 - Ed. Itaverá, cj.91/92  
04562-031 São Paulo - SP / BRASIL  
Tel.: (11) 5505-5740 / Fax: (11) 5506-6909

E-mail: [naumann@ffn-brasil.org.br](mailto:naumann@ffn-brasil.org.br)  
Site no Brasil: <http://www.ffn-brasil.org.br>  
Site na Alemanha: <http://www.freiheit.org>

1ª edição

Impresso no Brasil, Janeiro 2009

# Índice

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução .....                                                                   | 7  |
| 1. O desafio "social-democrata" .....                                              | 11 |
| 1.1 O liberalismo e os políticos .....                                             | 11 |
| 1.2 O triunfo da "social-democracia" .....                                         | 12 |
| 2. O desafio liberal .....                                                         | 16 |
| 3. O que os liberais devem fazer: argumentos, recomendações e dicas .....          | 20 |
| 3.1 Sejam realistas! .....                                                         | 21 |
| 3.2 Temos que fazer propostas aceitáveis .....                                     | 27 |
| 3.3 Os liberais têm que saber mais e aplicar o que aprendem .....                  | 29 |
| 3.4 Temos que mostrar mais coragem e lutar em público<br>pelos nossos ideais ..... | 45 |
| 4. Vale a pena trabalhar com ou em um partido? .....                               | 50 |
| 5. Conclusão: as chances do liberalismo .....                                      | 56 |
| Apêndice .....                                                                     | 59 |



*"Tratar a opinião da maioria no momento como critério para o que a opinião da maioria deve ser, faz todo o processo do progresso circular e estacionário. O filósofo político nunca tem mais razão para suspeitar que ele não cumpre a sua missão do que quando ele descobre que a sua opinião é muito popular. Ele só pode mostrar o seu valor quando insiste em considerações que a maioria não quer levar em conta, quando ele sustenta princípios que a maioria considera inconvenientes e irritantes."*

*Friedrich A. Hayek*

## Introdução

A idéia de escrever este texto surgiu há algum tempo como conseqüência de várias experiências e observações. Como funcionário da Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit (Fundação Friedrich Naumann para a Liberdade), eu tive, e sigo tendo, a chance de tomar parte em muitos eventos políticos em diversos países, como Alemanha, Brasil, África do Sul, Uruguai, Senegal ou Suíça, em alguns casos como palestrante, em outros como observador ou como parte do auditório. Muitas vezes tenho a impressão de que não é fácil para Liberais tomarem parte em discussões a não ser que sejam exclusivamente para liberais.

Quando os Liberais tomam uma linha dura, promovendo e defendendo os valores e princípios clássicos do liberalismo, são atacados com grande veemência por outros palestrantes ou por pessoas do auditório. Desse modo, depende muito do talento individual do palestrante liberal sair ou não do evento sem grandes nódoas negras. Quando os Liberais escolhem uma linha mais suave, mais pragmática, recebem menos críticas. Nesses casos, contudo, tenho, freqüentemente, a inquietação de que o liberalismo não é bem apresentado, parece que algo se perde. Em ambos os casos, a impressão que prevalece é a de que o palestrante liberal não atingiu os seus objetivos. Não conseguiu convencer o público das vantagens da solução liberal que estava recomendando.

À primeira vista, essa experiência parece estranha. Como muitos outros idealistas que entram na briga política, eu costumava pensar que uma mensagem como o liberalismo, para mim tão boa e tão auto-explicativa, deveria ser bem-vinda e aplaudida, senão por todos então pelo menos por

muitos. Mas isso não corresponde, em muitos eventos, à atitude bastante hostil dos outros palestrantes e de grande parte do público.

Este texto é um ensaio para explicar por que os Liberais têm esses problemas. Por que não conseguem convencer mais pessoas do valor das suas propostas. Este texto quer explicar – mas não justificar! – por que alguns Liberais preferem se manter no conforto de um mundo composto só de correligionários ao invés de entrarem nos holofotes desagradáveis do debate público com adversários e inimigos políticos.

Na primeira parte, apresento o desafio "social-democrata". Esse desafio é mais complicado para Liberais do que o desafio de ditadores, populistas ou esquerdistas ortodoxos. Contrários a esses inimigos bem visíveis da liberdade, os Liberais têm muito em comum com os "sociais-democratas". Somos todos democratas. Somos todos a favor do Estado de Direito. Todos defendemos os direitos humanos. Todos respeitamos a divisão dos poderes. Entretanto, atrás desses pontos que temos em comum, existe uma diferença fundamental entre "sociais-democratas" e Liberais. Essa diferença consiste em diferentes papéis desempenhados pelo Estado para um "social-democrata" e para um Liberal.

Como disse Milton Friedman, um dos grandes clássicos do liberalismo no século XX: os Liberais têm receio do poder concentrado. O objetivo principal do Liberal é preservar a liberdade de cada indivíduo. A liberdade do indivíduo para um Liberal somente encontra o seu limite quando interfere na liberdade de outros indivíduos. O Liberal quer dispersar a liberdade. Ele acha muito suspeito quando alguém quer dar ao Estado o direito e a possibilidade de exercer funções que o mercado pode desempenhar por si só. Para Friedman e outros Liberais, só o mercado torna possível o intercâmbio livre e voluntário entre indivíduos, ao passo que o Estado tem a tendência de usar coerção para forçar os indivíduos a se comportarem de uma maneira definida por terceiros, os políticos. Por isso, cada pessoa que dá ao Estado muito poder, ameaça a liberdade.<sup>1</sup>

Isso corresponde, segundo Friedrich A. Hayek, outro grande clássico liberal do século passado, à definição da palavra "liberdade". No seu livro "A Constituição da Liberdade", para mim, a leitura ideal para todos aqueles que

---

1. Milton Friedman: *Capitalism and Freedom*, Fortieth Anniversary Edition, London and Chicago 2002, pág. 38



querem se informar sobre os fundamentos do liberalismo moderno, Friedrich A. Hayek define liberdade como a possibilidade de uma pessoa atuar conforme as suas próprias decisões e planos. A liberdade distingue essa pessoa de outra que está subjugada à vontade e às decisões arbitrárias de outros que podem coagi-la a atuar ou não de uma maneira específica. Assim, liberdade, para Hayek, é a *ausência de coerção*. Para ele, cada política em favor da liberdade consiste em minimizar a coerção.<sup>2</sup>

Assim, o primeiro capítulo desse texto vai demonstrar com vários exemplos porque e de que maneira os Liberais se distinguem dos "sociais-democratas". Também será definido o que constitui a "social-democracia" e porque, até agora, esse tipo de política tem sido tão bem-sucedida, até nas democracias modernas.

O segundo capítulo tem outra perspectiva. Nele, demonstra-se por que o liberalismo é um desafio para os "sociais-democratas". Serão analisadas as falhas e muitas vezes as falências do pensamento "social-democrata", falhas substanciais, mas tão bem escondidas, tão pouco reconhecíveis, que não impedem os "sociais-democratas" de ganharem eleições e de dominarem o debate político. Se os Liberais querem causar impacto nos debates públicos, eles têm de reconhecer e revelar as falhas da "social-democracia".

O terceiro capítulo, o mais extenso, dedica-se à pergunta sobre o que os Liberais devem fazer para ganhar mais influência no debate político e para ganhar mais apoio nas eleições. Proponho aos Liberais mais realismo, mais conhecimento e mais coragem para apresentar as suas posições.

O quarto capítulo trata das possibilidades dos Liberais divulgarem as suas idéias dentro dos partidos políticos e com a ajuda deles. O foco vai estar nos partidos políticos que possuem um programa que os liberais possam aceitar. Dado o sentimento anti-partidário do público em geral e entre muitos Liberais em especial, este pode ser um tema particularmente controverso.

No capítulo final, o leitor encontra um sumário dos capítulos anteriores e um lembrete de que, apesar de todos os desafios, nunca devemos nos esquecer de que perante nossos adversários e nossos inimigos temos uma grande vantagem: a nossa mensagem, a liberdade.

---

2. Friedrich A. Hayek: *The Constitution of Liberty*, Chicago 1960, paperback edition, 1978:12.

Os leitores vão encontrar no texto algumas citações e várias notas de rodapé. Estes não somente querem documentar a origem das citações, mas também querem dar algumas idéias que podem servir para uma leitura mais profunda dos temas mencionados. O objetivo principal deste texto, entretanto, não consiste no enriquecimento do debate acadêmico, mas em ser relevante para a prática política. O texto dedica-se às pessoas que gostam das idéias liberais. Pessoas que já estão dispostas a entrar na batalha política em favor da liberdade. Pessoas que buscam bons argumentos na confrontação tanto com "sociais-democratas" quanto com esquerdistas e populistas, tipos que ainda desempenham um papel excessivamente grande em universidades, escolas, sindicatos, mídia, organizações não governamentais (ONGs) e na política.

Nas caixas sombreadas o leitor vai encontrar alguns textos menores que explicam a posição dos Liberais diante de temas controversos, desde a corrupção e o debate sobre o "neoliberalismo" até o aquecimento global e o salário mínimo.

Mas o texto não se limitará a oferecer bons argumentos em favor do liberalismo. Ele também tem a função de dar dicas e recomendações com o intuito de ajudar os Liberais na prática política. O texto quer incentivar as pessoas a entrarem no debate político e a apresentarem propostas de como os Liberais podem melhorar o seu sucesso na vida pública.

A combinação de uma base ideológica clara - o liberalismo - com a prática política é um dos aspectos mais fascinantes do trabalho na Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit (FNF, na sigla em alemão). A FNF define como seus objetivos principais, em sua estratégia para o trabalho no exterior, tanto a divulgação das idéias e dos valores liberais quanto o apoio às organizações liberais. Entre estas organizações, são mencionados especificamente os partidos políticos. Este texto pretende constituir uma contribuição para atingir esses objetivos.

Ainda falta mencionar que o texto publicado representa a opinião do autor, que nem sempre e não necessariamente corresponde à posição da FNF. Eventuais erros e imperfeições também devem ser creditados ao autor e não à Fundação. Críticas, comentários e propostas são bem-vindos!

São Paulo, República Federativa do Brasil, Dezembro 2008

## 1. O desafio "social-democrata"

### 1.1 O liberalismo e os políticos

Ser um político liberal e defender o liberalismo parece ser muito difícil. Tão difícil que alguns Liberais até mesmo evitam a palavra "liberal" no nome de seu partido.

Ludwig von Mises escreveu em seu livro "Liberalismus", de 1927:

*"Um governo liberal é uma 'contradictio in adjecto'. Governos precisam ser forçados ao liberalismo pelo poder unânime da opinião pública. Não dá para esperar que eles sejam liberais por iniciativa própria".*<sup>3</sup>

Ludwig von Mises entendeu muito bem o porquê disto.

O liberalismo parte do princípio de que cada um é responsável pela solução de seus problemas. O Estado pode interferir apenas quando o indivíduo, a família, a comunidade local ou as associações voluntárias de cidadãos não tiverem os recursos necessários para solucionar um problema. Este é o cerne do *princípio da subsidiariedade*, de apoio estatal somente complementar. Foi formulado há muitas décadas pela igreja católica, contudo, também é uma boa descrição da posição liberal que aposta na responsabilidade individual e na voluntariedade.<sup>4</sup>

Por outro lado, os políticos que dependem do voto dos eleitores vivem justamente do fato de se declararem necessários. Não têm interesse na solução de problemas nas famílias, nos bairros através das iniciativas privadas dos cidadãos e de associações voluntárias, pois, se assim ocorresse, eles seriam supérfluos.

Os políticos querem convencer os eleitores de que o político é aquele que consegue resolver os problemas do cidadão. Eles têm o poder de decidir quem vai ser o beneficiário de certas políticas - e quem vai ser a vítima. Eles

---

3. Ludwig von Mises: Liberalismus, Sankt Augustin, terceira edição (reimpressão da primeira edição de 1927), Alemanha, 2000:60 (citação traduzida por Rainer Erkens).

4. Ver Gerhart Raichle: Princípios da Política Social Liberal. 12 Teses com explicações de Gerhart Raichle, publicação do Instituto Friedrich Naumann, São Paulo, S/D:22-24.

detêm o poder de distribuir privilégios e de impor custos. Eles têm o poder de determinar o que constitui "um problema", "uma crise" ou "uma catástrofe" que merece muita atenção – e o que pode ser descartado e esquecido. Para a maioria dos políticos, é fundamental que as pessoas sequer tentem solucionar os seus próprios problemas, deixando esta tarefa para eles.

Para políticos, o Estado e o governo são os meios preferidos de solucionar problemas. Eles sugerem aos eleitores que a solução vinda do Estado custa menos do que a solução gerada pela própria iniciativa. Segundo os políticos, o governo é capaz de solucionar todos os problemas e de dar fim a qualquer tipo de crise e catástrofe. A grande maioria dos políticos modernos não quer aceitar a posição dos Liberais quanto ao governo, fato tão bem expressado por José Antônio Pimenta Bueno, político brasileiro da época do Imperador Dom Pedro II:

*"O governo, em circunstâncias ordinárias, não tem a obrigação de sustentar ou manter os particulares, nem ele teria recursos para cumprir essa tarefa; eles devem viver de sua indústria e previdência."*<sup>5</sup>

Essa atitude, ao mesmo tempo prudente e modesta, já não existe. Hoje se espera que o Estado e o governo "sustentem e mantenham os particulares". Mas esperar demais do Estado e do governo é um erro crucial. O ensaísta liberal francês Claude-Frédéric Bastiat já o ensinou muito bem há mais de 150 anos:

*"O Estado é a grande ficção, em que cada um faz todo o possível para viver às custas do outro."*<sup>6</sup>

Isto certamente não pode funcionar.

## 1.2 O triunfo da "social-democracia"

Se o mundo fosse composto somente por democracias que correspondessem às exigências dos Liberais ou por ditaduras que lutam contra exigências liberais, seria fácil identificar os inimigos políticos do liberalismo. Como movimento a

---

5. José Antônio Pimenta Buenos: Direito Público Brasileiro e Análise da Constituição do Império, Brasília, 1978:431.

6. Claude Frédéric Bastiat: Der Staat, em: Marianne e Claus Diem (eds.): Der Staat – die große Fiktion. Ein Claude-Frédéric-Bastiat-Brevier, Thun, 2001:64 (citação traduzida por Rainer Erkens).

favor da liberdade, o liberalismo representa uma alternativa fundamental a todos os tipos de ditadura, tanto de esquerda quanto de direita.

Onde não existe uma democracia liberal, onde o direito é só um instrumento nas mãos dos poderosos, onde não se respeita os direitos humanos e a liberdade econômica, os Liberais são parte da oposição e buscam alianças com outras correntes democráticas.

Em muitas democracias modernas, entretanto, existe um desafio diferente. Aqui com a exceção de alguns grupos marginalizados pelo sistema político, quase todos parecem respeitar princípios liberais. Mas a realidade é menos favorável à liberdade.

O sociólogo alemão Ralf Dahrendorf constatou, nos anos 80, que, no fundo, na democracia moderna, quase todos os partidos políticos, independentemente de seus nomes e de algumas diferenças em seus manifestos, são "sociais-democratas". É verdade! <sup>7</sup>

Para os Liberais, pouco importa se um partido tem no seu nome adjetivos como "nacional", "socialista", "trabalhista", "conservador", "republicano", "democrático", "cristão", "verde" ou qualquer combinação destas e outras designações para se distinguir e ganhar identidade própria. Para os Liberais, a pergunta decisiva é *se estes partidos têm como foco a liberdade do indivíduo ou a coação exercida pelo Estado*. Desafortunadamente, quase nunca o partido analisado favorece o indivíduo e a liberdade.

Por isso, a partir de agora vamos falar sobre partidos "sociais-democratas". Os partidos políticos que, de fato, levam a palavra "social-democrata" no seu nome formam somente uma pequena parte deste espectro, que vai desde a esquerda moderada até a direita moderada, e inclui uma abundância de grupos centristas. Todos os partidos "sociais-democratas", no sentido amplo da palavra, colocam como ponto central de seus procedimentos e discursos à satisfação da cobiça dos eleitores. Quando necessário, até despertam ou mobilizam nos eleitores novos desejos e esperanças, nova cobiça e egoísmo. Ao contrário do convite da Bíblia, para os "sociais-democratas" "*receber*" é mais importante do que "*dar*". Para eles, a *distribuição* de riquezas tem prioridade sobre a *produção* de riquezas.

---

7. Ralf Dahrendorf: Die Chancen der Krise. Über die Zukunft des Liberalismus, Stuttgart, 1983:16.

Os partidos "sociais-democratas" dão um grande valor ao que eles chamam de "justiça social", que para Friedrich Hayek não passa de uma "expressão fuinha." <sup>8</sup> Em vez de falar sobre "justiça social", o americano Thomas Sowell prefere usar a palavra "justiça cósmica". Independentemente dos termos, "justiça social" ou de "justiça cósmica" <sup>9</sup>, sempre se trata do cerne do programa "social-democrata".

Os "sociais-democratas" não se dão por satisfeitos em estabelecer as mesmas regras do jogo e condições iguais para todos – a definição liberal de justiça. Eles se esforçam para corrigir, sempre que possível, *todos os acasos e acidentes* da vida humana, tais como:

- diferenças de habilidade e de predileção, de costumes e de caráter,
- diferenças de educação e de socialização,
- diferenças genéticas e biológicas,
- e até casos de discriminação e marginalização histórica de certos grupos, durante décadas e séculos.

Partidos "sociais-democratas" de todos os matizes, em princípio, não são contra o *mercado livre*. Neste ponto, são diferentes dos partidos da esquerda que ainda hoje abominam o mercado. Os "sociais-democratas", contudo, consideram que o mercado só é aceitável até onde favorece a "justiça cósmica" que pregam. Aceitam o mercado livre por ser inegavelmente mais eficaz do que sistemas planejados, aceitam-no, desse modo, por sua utilidade, e não por serem uma expressão integral e indispensável da liberdade.

Por isso sempre estão dispostos a limitar o mercado em favor de soluções estatais quando as forças do mercado não correspondem suficientemente à "justiça cósmica" que buscam. O mercado, segundo os sociais-democratas, deve ser "domesticado". Na prática isso significa que ele deve ser subjugado aos desejos, interesses e aspirações dos políticos "sociais-democratas" e seus aliados. A domesticação inclui intervencionismo, limitações à propriedade

---

8. Friedrich A. Hayek: The Weasel Word "Social", em: Salisbury Review, Vol. 2, no. 1; October, 1983: 4-5. No artigo, Hayek usa a palavra "fuinha", que significa quando uma determinada palavra perde seu sentido. Uma fuinha é um animal que vive na Europa. Ela sabe abrir ovos de outros animais de tal maneira que pode comer o conteúdo, mas deixa a aparência do ovo intacta. Assim a palavra "social" esvazia "justiça" e deixa o conceito de justiça sem significação concreta. Para Hayek "justiça social" simplesmente não é justiça.

9. Thomas Sowell: The Quest for Cosmic Justice, New York, 1999.

privada e ao seu uso livre, quotas raciais ou de gênero no mercado de trabalho, manipulações de preços e salários, impostos que castigam os que não gostam dos políticos, protecionismo que impede o livre comércio e muitos outros mecanismos que são vantajosos para os grupos favorecidos pelos "sociais-democratas" em detrimento dos demais.

O mesmo vale para a *concorrência*. Hoje nem mesmo os "sociais-democratas" negam as vantagens de um sistema de concorrência. Porém, a sua própria clientela deve ser protegida da perda de seus benefícios, rendas e privilégios estabelecidos. Sob estas condições, contudo, a concorrência não é possível. Quem está protegido contra as regras duras da concorrência por leis ou subvenções estatais não vai oferecer os melhores e mais novos produtos e serviços aos seus clientes. Não tem incentivo para oferecer os seus produtos por preços baixos. Um produtor protegido pelo Estado não vai obedecer à demanda das pessoas, mas definirá por si mesmo que demanda lhes é permitida. A falta de concorrência significa o triunfo do produtor sobre o cliente, pois desobriga o produtor a orientar-se de acordo com os desejos dos seus clientes. Significa também o triunfo das pessoas e dos grupos privilegiados pela situação já que são protegidos pelo Estado contra o desafio de novos produtos que querem melhorar a sua posição. Nada desafia mais o poder dos ricos e poderosos do que a livre concorrência. Nada abre mais oportunidades aos pobres. Por isso a livre concorrência para os Liberais sempre foi e sempre será o instrumento mais eficiente e mais eficaz da justiça.

Os "sociais-democratas" também aceitam a *propriedade privada* – até certo ponto. Propriedade privada significa que o proprietário tem tanto direito exclusivo de usar uma coisa quanto a proteção do Estado caso outra pessoa queira impedi-lo de exercer esse direito. Mas os "sociais-democratas" gostam de sublinhar a "função social" da propriedade privada. Para eles, ter propriedade privada não é um direito fundamental, sendo somente aceitável se a propriedade for usada "em benefício da sociedade". É claro que eles é que definem o que é um benefício à sociedade. Normalmente, os beneficiários dessa definição são os grupos que podem garantir ou impedir a eleição dos políticos "sociais-democratas".

Os sociais-democratas não têm dificuldades com uma carga tributária cada vez mais pesada que despoje o contribuinte da possibilidade de dispor livremente da sua propriedade. Também minam o uso efetivo do direito à

propriedade através de uma verdadeira selva de intervenções, leis e regras estatais fiscalizadas por burocratas.

Os políticos "sociais-democratas" sabem explorar bem a crença de muitas pessoas de que elas devem ser protegidas. Para os Liberais, o Estado existe para proteger a liberdade, a saúde, a segurança e a propriedade de cada indivíduo. Mas, para os "sociais-democratas", a proteção estatal deve abranger o conjunto dos riscos e acasos da vida humana, que podem trazer vantagens ou desvantagens econômicas e sociais: doenças, desemprego, velhice, acidentes, falta de educação, falta de recursos, falta de talento ou de disciplina, falta de ambição e até de boa ou de má sorte.

Os políticos sociais-democratas asseveram que essa visão excessivamente abrangente dos direitos e deveres do Estado ajuda a todos e garante o bem-estar e a felicidade dos cidadãos. Um efeito colateral inevitável, contudo, é que, com a proteção dos cidadãos, eles acabam também sendo tutelados e tornam-se dependentes dos políticos. É um preço que, ao que parece, a maioria dos cidadãos está disposta a pagar.

Já faz dois séculos que *Wilhelm von Humboldt*, o filósofo alemão da liberdade, alertou para o preço da dependência dos cidadãos de ações estatais e para a uniformização da vida que corresponde a essa dependência:

*"Os indivíduos desejam conforto, comodidade, tranqüilidade... e tudo isso é prontamente provido a tal ponto que não existem choques de individualidade. Mas o que o homem tem e precisa manter em vista é algo bem diferente – trata-se da variedade e da atividade. Apenas estas desenvolvem o caráter diversificado e vigoroso."*<sup>10</sup>

## 2. O desafio liberal

Realmente não é fácil ser um liberal num mundo em que reina o consenso "social-democrata", além das divisões partidárias e ideológicas da luta pública. É um desafio. É, algumas vezes, até um risco.

---

10. Wilhelm von Humboldt: Os Limites da Ação do Estado. Idéias para um ensaio a fim de determinar as fronteiras da eficácia do Estado. Rio de Janeiro, 2004:156-157.



É *um desafio* defender a própria *responsabilidade*, quando todos os outros querem tirar a responsabilidade dos cidadãos. A assunção da própria responsabilidade significa, nem mais nem menos, o fato de que nós devemos aceitar as conseqüências das nossas ações e palavras. Isto nos ajuda a frear os nossos vícios, o nosso egoísmo e a nossa cobiça. A responsabilidade ajuda-nos a conviver com outros seres humanos. Ajuda-nos a tomar decisões e a exercer o livre arbítrio, a base da autodeterminação. Quem nos despoja de nossa responsabilidade – afirmando, por exemplo, que somos todos vítimas de circunstâncias sociais além do nosso controle – produz uma sociedade de egoístas e autistas que não se preocupam com o impacto do que fazem e dizem ou do que deixam de fazer e de dizer.

O escritor americano Charles Murray ainda mostra outro aspecto da responsabilidade. Para ele, responsabilidade não é o "preço" da liberdade ou seu lado desagradável. Em vez dessa interpretação negativa, ele sublinha que a responsabilidade é o único caminho para impedir a nossa vida de se tornar trivial. Possivelmente, responsabilidade nem sempre produz diversão ou divertimento rápido, mas com certeza produz satisfação sustentável. Quem quer abolir a responsabilidade individual despoja as pessoas de uma fonte essencial de usar e desenvolver as suas capacidades.<sup>11</sup>

É *um desafio* reclamar que a *autodeterminação* seja mais importante do que a co-determinação num mundo em que a esquerda tenta subjugar a tudo e a todos ao voto da maioria em nome da "democracia". Na realidade, entregamos mais poder aos políticos e a grupos bem organizados e vociferantes quando deixamos mais e mais áreas da vida privada à decisão de majorias. Quem propõe a democracia direta, nos moldes definidos pelos esquerdistas não por plebiscitos e referendos abertos a todos os eleitores, mas em forma de assembléias e mesas redondas, como alternativa à democracia representativa muitas vezes não produz mais espaço para a liberdade, mas mais coação. Dá-se, assim, uma vantagem as pessoas privilegiadas que têm tempo ocioso o suficiente para tomar parte em extensos debates políticos. Dá-se vantagem a minorias que dispõem da educação necessária para ganhar discussões com pessoas menos eloqüentes. Discrimina-se os demais cidadãos em favor dos poucos ativistas que gostam de horas e horas de bate-papos vazios e de controvérsias. Empresários, médicos, artífices

---

11. Charles Murray: What is Means to be a Libertarian. A Personal Interpretation, New York 1997, págs. 30 segts.

bem ocupados, enfermeiros com turnos noturnos, pessoas com pouca educação, pessoas sem emprego ou donas de casa com crianças não preenchem estes requisitos da "democracia direta" recomendados pela esquerda. Eles não têm nem chance nem interesse em participar de exercícios como o "orçamento participativo", um modelo muito popular na esquerda.

Não é um pecado mostrar os limites das decisões majoritárias, mas é a única maneira de prevenir que um governo seja formado exclusivamente por intelectuais, estudantes, funcionários de organizações políticas e politizadas e funcionários públicos com salários fixos que têm condições de trabalho que lhes permitem passar horas fora do seu escritório e da sua casa.

É *um desafio* mostrar aos eleitores que mesmo na política *nada é de graça*. Pelo contrário, tudo tem seu preço. Um dos talentos mais importantes de muitos políticos "sociais-democratas" é exatamente a sua capacidade de vender simultaneamente promessas contraditórias a diferentes grupos de eleitores:

- menos imposto e ao mesmo tempo maior distribuição de dinheiro pelo Estado,
- mais funcionários públicos e ao mesmo tempo menos burocracia,
- mais emprego e ao mesmo tempo leis rígidas que dificultam a criação de empregos,
- mais atenção individualizada para doentes e idosos e ao mesmo tempo mais instituições sob o controle do Estado, hospitais e mais casas para idosos onde reinam as leis laborais e os horários definidos por sindicatos.

Os seres humanos sempre têm um universo ilimitado e ilimitável de desejos. Muitos destes desejos são mutuamente exclusivos e fora do nosso alcance. Sempre somos confrontados com a necessidade dura e penosa de escolher o que realmente queremos. Em uma economia de mercado, *o preço* de um bem nos dá um critério que nos ajuda a decidir se realmente queremos aquele bem ou se preferimos algo diferente. O preço torna possível e necessário fazer uma comparação e decidir entre alternativas variadas, pois o dinheiro que gastamos comprando uma coisa nos falta quando queremos comprar outra. Dessa maneira, numa economia de mercado, os custos de cada coisa refletem *alternativas perdidas*.

E óbvio que nem sempre é fácil ou agradável fazer uma escolha. Às vezes, é preciso tomar uma decisão que preferiríamos evitar. Também, de vez em quando, tomamos uma decisão que depois consideramos errada. Entretanto, em um mundo em que não dispomos de recursos ilimitados e de conhecimento perfeito, decisões difíceis ou errôneas são inevitáveis. Preços nos dão um ponto de orientação que nos ajuda.

Na política, contudo, as pessoas não querem aceitar que tudo tem o seu preço. Na política, os cidadãos preferem crer que tudo é possível ao mesmo tempo. Preferem crer que é possível "ter o bolo e comê-lo ao mesmo tempo", como dizem os americanos. Acreditam na ilusão de que não devem fazer uma escolha para assim evitar perder opções. Muitos políticos fomentam essa idéia por razões óbvias. Mas o resultado desta ilusão pode ser somente a decepção. Sempre temos que pagar de uma maneira ou de outra. Isso é o sentido da famosa frase de Milton Friedman:

*"Não existe algo como um almoço livre."*<sup>12</sup>

*É um desafio afirmar que não existe liberdade sem risco.* Isto soa como uma impertinência, na medida em que, ao mesmo tempo, os políticos dizem aos eleitores que a liberdade pode ser adquirida, garantida e defendida sem esforço algum, quase que com o controle remoto, sentado em casa no sofá.

Há uma abundância de pessoas que pensam, por exemplo, que para os ricos, o sucesso econômico é, e foi, algo automático e natural. Eles ignoram que muitos empresários e muitos investidores privados fracassam. Eles perdem o dinheiro e o trabalho duro de muitos anos investidos no processo de "destruição criativa" do capitalismo, tão bem descrito pelo economista *Joseph A. Schumpeter*.<sup>13</sup> Não existe investimento e lucro sem riscos. Nem a esquerda nem os próprios Liberais gostam de falar sobre os muitos casos de fracassos

---

12. Milton Friedman: *The Real Free Lunch: Markets and Private Property*, em: David Boaz (ed.): *Towards Liberty. The Idea that is Changing the World*, Washington, 2002:55.

13. Joseph A. Schumpeter: *Kapitalismus, Sozialismus und Demokratie*. 4a. Edição, München, 1975:134.

numa economia de mercado.<sup>14</sup> A esquerda evita o tema porque, dessa forma, se torna muito mais difícil apresentar os empresários bem sucedidos como felizardos que não merecem a sua riqueza. Alguns Liberais não querem admitir que o mercado não somente recompensa, mas também castiga, pois tem vergonha de admitir que o mercado pode ser duro. Assim nasce a impressão errônea de que para todo empresário e todo investidor o sucesso é garantido. Nessa versão, tão simples quanto falsa, o sucesso e a riqueza deles vêm da boa sorte, da exploração dos pobres ou da fraude e da violência. E por isso é justificado puni-lo e confisca-la.

### 3. O que os liberais devem fazer: argumentos, recomendações e dicas

Os Liberais vivem em um mundo cheio de desafios. Mas o que devem fazer então? Retirar-se da política? Deixar toda a arena pública aos outros, aos "sociais-democratas", ou até, aos esquerdistas, nacionalistas ou populistas que seguem agendas antiliberais?

Acredito que os Liberais podem e devem ser mais do que dissidentes frustrados. Acredito que a sua mensagem merece ser mais do que a leitura fecunda de alguns poucos iniciados que a gozam no conforto de sua poltrona privada. Acho que o liberalismo merece um tratamento melhor do que ser difamado por esquerdistas, nacionalistas e populistas.

Apesar da propaganda ridícula contra o que é chamado "neoliberalismo", o liberalismo tem mais simpatizantes do que muitos Liberais pensam. Por isso

---

14. As dimensões do risco mostram as seguintes cifras: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística anunciou em 2008 que entre as firmas brasileiras que existiam no ano de 1997, apenas a metade ainda estava funcionando em 2005. 62,5% de todas as empresas no Brasil têm menos de 10 anos. Apenas 3% estão abertas há mais de 30 anos. Até mesmo as grandes companhias internacionais estão constantemente ameaçadas pelo fracasso se elas não produzirem de acordo com as necessidades das pessoas. Uma olhada na formação do assim chamado 30 "Blue Chips", ou seja, as mais bem sucedidas empresas no índice da bolsa americana "Dow Jones" é suficiente. Das 30 firmas que em 2008 formam este índice apenas 20 já constavam da lista em 1998. Então 10 das maiores firmas americanas, um terço do "Blue Chips", desapareceram do mercado em apenas 10 anos, se fundiram com outras firmas ou desceram na colocação do *Dow Jones Index*. De 1988 a 2008, em vinte anos, somente 13 firmas, ou seja, nem mesmo a metade, mantém uma posição como "Blue Chip".

os esquerdistas e os populistas não atacam o liberalismo em si, mas sim uma caricatura do liberalismo, o "neoliberalismo". Os extremistas sabem bem que a maioria das pessoas não tem nada contra um capitalismo "domesticado" ou uma "economia social de mercado". Não querem o fim da propriedade privada nem querem perder o seu próprio espaço livre. Não são contra o liberalismo embora prefiram um "liberalismo moderado", um "liberalismo *light*". Por causa destas pessoas, normalmente "sociais-democratas", não é recomendável que os esquerdistas e populistas ataquem o liberalismo diretamente. É mais aconselhável dar pancada em um "neoliberalismo" endiabrado, que serve como espaço de projeções de tudo o que esquerdistas, nacionalistas e populistas temem e odeiam no mundo: a liberdade econômica.<sup>15</sup>

Estou convencido: vale a pena lutar publicamente pelo liberalismo. Vale a pena entrar em uma discussão com os nossos adversários e inimigos. Vale a pena apresentar o modelo liberal ao público e fazer propaganda pela nossa causa. Mas isso somente poderá render bons resultados se os Liberais cumprirem três condições básicas:

Primeiro, temos de *reconhecer a realidade* e ponderar quando, de que forma e com quais temas e idéias vale a pena entrar na batalha com adversários e inimigos.

Segundo, como Liberais temos o dever de *adquirir mais conhecimento*, para que possamos ganhar o debate ideológico contra nossos concorrentes e assim convenceremos os votantes de que temos o melhor programa.

Terceiro, temos que *sair da sombra*, despir-nos de nossa timidez e declarar publica e orgulhosamente quem somos: os amigos da liberdade.

### 3.1. Sejam realistas!

Os Liberais nunca quiseram que o liberalismo ficasse somente no plano do sonho, da utopia. O liberalismo sempre esteve enraizado na prática e na vida cotidiana das pessoas. Reconhecer a realidade é o caminho mais fácil para ganhar relevância e ser ouvido no debate público.

---

15. "Essa interpretação do foque da esquerda no „neoliberalismo“ vem do Robert Nef, Presidente do "Liberales Institut" da Suíça, <http://www.libinst.ch/?i=feindbild-neoliberalismus> No capítulo 3.2. deste texto vou dedicar mais tempo ao debate confuso sobre o „neoliberalismo“.

Sei que isso é uma grande exigência para alguns Liberais porque significa que eles têm de deixar vários de seus temas favoritos em segundo plano. Infelizmente, em geral, nem todos os temas e propostas populares na família liberal encontram interesse amplo no público. Por isso, alguns temas devem ser descartados se os Liberais quiserem causar impacto.

Falo, por exemplo, sobre a exigência de muitos Liberais de liberalizar o comércio e o consumo de drogas. Falo sobre a opinião de alguns Liberais de que todos os impostos são roubos. Falo sobre a demanda de alguns Liberais para que a educação obrigatória seja abolida, com isso permitindo que os pais tenham o direito de educar as suas crianças em casa. Falo sobre a proposta de alguns Liberais pela abolição de todos os bancos centrais, sejam eles dependentes ou não do governo, de modo a deixar todos os assuntos monetários sob as regras do livre mercado.

Não quero provocar desentendimentos: não tenho a intenção de declarar todos estes temas e propostas necessariamente errôneas ou irrelevantes. Seguramente alguns deles podem ter seus méritos. Entretanto, desafortunadamente, tais temas e propostas se encontram há anos-luz do mundo dos eleitores, que estão mais interessados na satisfação de suas necessidades fisiológicas e sociais imediatas e em proteção e segurança.<sup>16</sup>

Contudo, se continuamos com *temas e posições sem relevância* para a grande maioria dos eleitores não poderemos nos surpreender no caso deles tomarem os Liberais por pessoas esotéricas e marginais que não sabem nada sobre a vida real. Ninguém aceita facilmente argumentos de pessoas que parecem esotéricas e marginais, nem mesmo se eles forem bem válidos.

Quem quer se engajar no diálogo com os eleitores precisa falar sobre os assuntos que os movem e interessam. Precisa apresentar soluções concretas para problemas concretos, que convençam os votantes de seu valor por estarem baseadas na realidade e, por isso, serem praticáveis.

Além disso, um Liberal que se engaja no debate público também precisa falar em uma linguagem que os eleitores entendam. Isso também é um bom teste da consistência e lógica de nossos argumentos. Quem não se sabe fazer entender pelos eleitores deveria rever o seu caso, os seus argumentos e a sua

---

16. Ver Peter Schröder: *Estratégias Políticas*. Mexico City, 2004:145.

linguagem. Também é válido para os Liberais lembrar-se sempre de uma regra política simples: raras vezes o eleitor tem a culpa quando não entende a política. O problema está no político. É o seu dever apresentar os seus argumentos de uma maneira compreensível.

Isso não é tão difícil: use frases curtas. Evite termos técnicos complicados que as pessoas comuns nem sequer conseguem pronunciar. Use figuras, imagens e exemplos que vêm da vida corriqueira e não precisam ser explicados. Não inunde o público com números e datas. Não fale demais. E evite o jargão típico e frio dos políticos.

Tudo isso já é bastante. A entrada no mundo político, porém, exige dos Liberais ainda mais do que somente deixar de lado alguns dos temas marginais que podem prejudicar a nossa credibilidade como políticos sérios. Também faz parte da viagem ao mundo real dos eleitores, reconhecer o fato de que para muitas pessoas a "social-democracia" é atraente.

Como Liberais, temos de admitir: até hoje os "sociais-democratas" têm tido mais êxito do que nós na batalha política. A sua visão predomina no espaço político das democracias modernas. É certo que entre os votantes podemos encontrar pessoas que criticam certas políticas "social-democratas", mas poucos votantes têm a impressão de viverem num inferno, sofrendo dia e noite. O paternalismo dos "sociais-democratas" restringe a liberdade e aumenta a dependência do Estado. Não produz, contudo, uma miséria aberta e insuportável.

Com a sua ideologia de "justiça social", de "capitalismo domesticado" e de um "Estado protetor", a "social-democracia" faz com que seja fácil para muitas pessoas se sentirem bem e contentes. Quem vive em boas condições financeiras pode relaxar, já que sabe que o Estado vai ocupar-se das pessoas menos privilegiadas na sociedade. Não tem que gastar as horas preciosas do seu ócio em trabalho de caridade e filantrópico. Pode limitar a sua responsabilidade aos pagamentos dos impostos. Quem ainda sofre sabe que vai receber um mínimo de ajuda sem ter que pagá-la com mais responsabilidade nem mais iniciativa própria. Em geral deve justificar porque exige dinheiro público e porque não tenta sair da miséria. A "social-democracia" é confortável. Na "social-democracia" pode-se viver bastante bem com dívidas e com oportunidades perdidas – pelo menos por algum tempo.

A "social-democracia" tem a hegemonia no discurso público. Isso significa, por exemplo, que idéias fora ou à margem do imaginário "social-democrata" encontram dificuldade em serem ouvidas. Pessoas que criticam o pensamento "social-democrático" hegemônico não têm o mesmo acesso aos canais de comunicação que a vertente dominante tem. Quando Liberais críticos recebem um convite para participar de um debate público na televisão, muitas vezes devem desempenhar o papel de um "*advocatus diaboli*". Ainda pior é a situação quando são convidados para divertir ou escandalizar o público com as suas opiniões, como se fossem excêntricos. Não são raros os debates na televisão nos quais a presença de um Liberal e de um esquerdista servem para tornar possível que um "social-democrata" apresente-se como a voz da razão e da moderação centrista perante tais "extremistas" igualmente ruins ou maus.

Outro problema vem da nossa mensagem em si. Os Liberais, por exemplo, sempre tentam mostrar às pessoas que os ganhos de hoje podem facilmente se transformar nas perdas e custos de amanhã. Querem mostrar que nada é de graça. Porém, a nossa mensagem carece de peso e credibilidade porque o ganho de hoje é concreto, enquanto a ameaça de custos que tem de ser paga só amanhã é abstrata. Thomas Sowell comenta:

*"Se todas as outras condições não mudam, o presente sempre é preferido ao futuro. Uma das razões é que a própria vida é insegura e o futuro possivelmente não vai chegar nunca para uma pessoa individual que precisa tomar decisões."*<sup>17</sup>

A crença de alguns Liberais que se apresentam como inimigos da corrupção também tem pouco impacto eleitoral. A realidade lamentável é que não só os políticos, mas também muitos eleitores têm tendência à corrupção. Não passa de um mito romântico acreditar que só os políticos podem ser corruptos e que "o povo" não. Na realidade, em uma democracia com eleições livres, sempre existe uma simbiose entre políticos e eleitores. É correta a frase tão famosa quanto cínica do velho Primeiro Ministro britânico Winston Churchill que afirma que cada povo tem os políticos que merece. Políticos corruptos só existem em uma sociedade que aceita a corrupção como uma maneira normal e legítima de solucionar problemas. Se fosse diferente, por que o próprio povo supostamente inocente e limpo reelege tantas vezes os políticos corruptos?

---

17. Thomas Sowell: Knowledge and Decisions, New York, 1996:57. (citação traduzida por Rainer Erkens)



### A liberdade econômica: uma fórmula mágica contra políticos corruptos

Em todo o mundo, há uma abundância de conferências, resoluções e documentos estratégicos que tratam do combate à corrupção. Também na América Latina, quase todos os novos governos se vangloriam de que vão acabar com a corrupção dos seus antecessores. Entretanto, todas as estatísticas da *Transparency International*, uma Organização Não-Governamental que mede o nível de corrupção nos países do mundo, mostram que estamos longe do fim da corrupção. A *Transparency International* apresenta uma abundância de instrumentos para limitar e acabar com a corrupção. Para os Liberais, contudo, existe um método muito mais eficaz e muito mais fácil para acabar com as manobras de políticos corruptos: mais liberdade econômica para os cidadãos. Assim, seria negada aos políticos corruptos uma boa parte do montante dos recursos de distribuição que está a seu dispor por meio das transbordantes atividades estatais. Quer nós queiramos ou não, cada regulamentação estatal, cada restrição do mercado e cada limitação da concorrência, mesmo quando ocorrem por motivos supostamente nobres, abrem chance à corrupção. Quanto menos poder, quanto menos tarefas e quanto menos meios financeiros o político tem a sua disposição, tanto menores são suas chances de atormentar outros com o objetivo de ganharem um "dinheirinho" a mais. Quanto menos os políticos tiverem de decidir sobre a distribuição de trabalhos públicos, sobre cotas, autorizações, licenças e repartição de verbas, tanto menor será para os eleitores a tentação de oferecer-lhes presentes em dinheiro, viagens ou quaisquer outros favores para obter vantagens não autorizadas. Desse modo, quem pede mais liberdade para os cidadãos e menos espaço para o Estado ironicamente também ajuda os políticos a se defenderem contra as necessidades e esperanças de eleitores, amigos dos partidos e grupos de interesses. Quando há pouco para dividir e para decidir, também pode-se esperar dos políticos pouca generosidade, por conta dos contribuintes. Talvez isso levasse a política a deixar de ser interessante para aqueles que a tratam comercialmente, como se ela fosse um negócio.

Os cidadãos, ou melhor, os eleitores, depositam nos políticos determinadas expectativas. Estas expectativas são freqüentemente concretas e orientadas para próprio benefício do votante. Por isto, políticos que prometem tudo e utilizam o Estado em favor próprio e em favor dos seus grupos de apoio representam apenas um lado da moeda. O outro lado da mesma moeda

é constituído por eleitores que esperam obter vantagens por meio de políticos corruptos e corruptíveis. Eleitores que não vêem problema algum em se deixar comprar por políticos e em comprar políticos. Eleitores que, dessa maneira, contribuem para fazer da política um negócio. Ironicamente os mesmos eleitores se queixam dos políticos corruptos como se eles mesmos fossem inocentes.

Infelizmente, políticos que não levam isso em consideração e que não sabem saciar ou manejar as expectativas, os desejos e a cobiça dos eleitores facilmente correm o risco de não serem reeleitos. Por isso, não há grande auxílio em estabelecer exigências liberais idealistas.

Milhares de exemplos práticos e a abundância de pesquisas e estudos empíricos internacionais comprovam que a eficiência do Estado é limitada durante a produção de "justiça social". É uma das conseqüências inevitáveis da mania "social-democrata" de, cada vez mais, ajudar um número maior de grupos da sociedade. Ironicamente quanto mais o Estado distribui, mais cresce a impressão de que a tão desejada "justiça social" está cada vez mais fora de alcance. Quanto mais os políticos gastam com políticas sociais, quanto mais falam sobre a necessidade de "justiça social", tanto mais doem as "injustiças" que ainda sobram. Também doem "injustiças" novas produzidas no contexto de apoio a certos grupos. Outros grupos que ainda não ou já não recebem apoio do governo começam a falar sobre a sua discriminação. Outros que têm de pagar pela generosidade dos políticos começam a se sentir descuidados e ficam descontentes. A inveja é sempre uma coisa relativa. A falta de dinheiro parece mais suportável se é um problema para todos. O único remédio contra essa corrida da inveja é limitar o poder do Estado e, dessa maneira, o dos políticos.

Desafortunadamente, todas as provas da fraqueza e da incapacidade do Estado e dos políticos ainda não conseguiram acabar com a crença cega dos cidadãos no Estado. Conforme um mito bem popular, a classe política e os próprios políticos podem ser maus, mas o Estado é bom. Se até hoje um país não atingiu a "justiça social" desejada, então, segundo este mito, deve ser ou por causa de políticos egoístas e corruptos ou por causa das classes privilegiadas que sabem defender os seus interesses e manipular os políticos.

Quem pensa dessa maneira não quer admitir que o problema é sistemático. Não quer ver que a única alternativa consiste em limitar os poderes e a influência do Estado, defendendo a liberdade dos indivíduos e a auto-

determinação. O remédio não é substituir os políticos "culpáveis" de hoje pelos futuros políticos "inocentes", simplesmente continuando com o mesmo sistema. A ocasião faz o ladrão. A abundância de intervenções estatais abre a porta da corrupção.

### 3.2 Temos que fazer propostas aceitáveis

Nessa situação, o que podemos fazer como Liberais? Eu vou dar um exemplo.

No mundo inteiro os cidadãos esperam proteção contra pobreza, contra doenças e desemprego ou contra a velhice e as suas fraquezas por parte do Estado. Os Liberais têm que admitir que *não vivem em um mundo ideal*. Eles vivem num mundo em que precisam se virar se quiserem causar um impacto. Não podem ignorar que, nas democracias modernas, o Estado desempenha um papel importante na política social. Isso não vai mudar somente porque não agrada alguns Liberais. Mas isto não significa de forma alguma que todas as idéias e ideais liberais devam ser esquecidos. Na política, o desafio é conciliar os ideais e as idéias liberais com a realidade de uma sociedade sob a hegemonia da "social-democracia". Pureza intelectual e puritanismo ideológico não ajudam nessa situação.

Os Liberais têm que ponderar caso a caso sobre o que podem perder e o que podem ganhar quando se envolvem no debate público. É claro que as respostas podem ser controversas. Cada Liberal tem que definir para si até que ponto pode aceitar compromissos e concessões sem trair os seus princípios, levando em conta que o preço da pureza ideológica pode bem ser a irrelevância política. Ponderar entre esses dois pólos – pureza ideológica e relevância política – é um desafio que nenhum Liberal pode evitar se pretende sair do conforto do seu escritório para entrar na arena política. A política não é um terreno para santos. Quem entra não pode deixar de sujar as mãos aceitando compromissos. Se a política é a arte do possível, então é apolítico pedir o impossível.

Vou dar um exemplo pessoal. Como Liberal eu não tenho grandes problemas com a idéia de que o Estado obriga as pessoas a se assegurarem contra a velhice, doenças e desemprego. Sou a favor de as pessoas se precaverem contra os riscos que a vida oferece. Para mim, o fato de que na Alemanha cem por cento das pessoas têm proteção contra as adversidades da vida não é um motivo de vergonha.

Sei que um seguro obrigatório é um caso de coação que alguns Liberais condenam. Mas aceitar um seguro mínimo obrigatório, para mim, não significa que este seguro deva ser fornecido somente por agências estatais. Tampouco significa que o Estado, além de definir um valor mínimo do seguro, deva prescrever aos cidadãos qual companhia de seguro eles deverão escolher nem qual deva ser o valor do seguro. Eu penso que vale a pena brigar por uma maior concorrência e por mais opções dentro do sistema de seguro social criado pelo Estado.

Obviamente, isso é *uma posição reformista*. Corresponde à posição do filósofo inglês Karl Raimund Popper, que fala sobre a necessidade de se fazer "engenharia social fragmentária", que para ele é uma metodologia que consiste em provocar mudanças sociais por meio de pequenos ajustes e reajustes nas instituições, ao invés das utopias perfeitas dos esquerdistas.<sup>18</sup> É uma posição que aceita o *status quo* como ponto de partida, mas que tenta melhorar a situação em um sentido liberal. Baseia-se na convicção de que é melhor alcançar melhoramentos modestos do que esperar a grande revolução. Isto porque melhoramentos concretos e tangíveis não somente fazem o sistema de hoje mais suportável para todos, inclusive para os próprios Liberais (pois, como cidadãos, os Liberais também constituem parte do sistema existente e têm que, por exemplo, pagar as suas contribuições), como também podem abrir a porta para transformações mais profundas no futuro.

Até no mundo "social-democrata" sempre existe a possibilidade de fazer propaganda por soluções individuais, trabalhadas sob medida. Existe a possibilidade de convencer outras pessoas das vantagens da concorrência entre as companhias de seguro, privadas ou públicas, entre modelos e pacotes individuais de assegurar-se no lugar dos modelos unitários propostos por muitos "sociais-democratas". Isto melhora a efetividade e a eficiência do sistema. Também oferece aos cidadãos opções, a possibilidade de escolher. Tudo isso fortalece a liberdade.

Um programa de reformas liberais mesmo dentro de um Estado de bem-estar oferece aos eleitores e aos políticos incentivos para familiarizarem-se com posições liberais. Oferece material para pensar. Dessa forma, uma posição reformista abre aos Liberais a chance de formar alianças com pessoas,

---

18. Veja sobre o pensamento de Karl Raimund Popper no livro de Luis Alberto Peluso: *A filosofia de Karl Popper*, Campinas, 1995.

instituições e organizações que não são genuinamente liberais, mas que vêem a vantagem de optar pela alternativa liberal no caso concreto.

O problema do Brasil, por exemplo, não é a "Bolsa família" cuja parte do orçamento federal é bastante limitada. Com certeza a "Bolsa família" provoca várias perguntas. Mas dado às pequenas somas pagas aos beneficiários é difícil argumentar que a "Bolsa família" sufoca a iniciativa própria e produz preguiça. O problema da grande maioria dos pobres no Brasil não é a sua "preguiça", mas a falta de incentivos e oportunidades de buscar e encontrar emprego. Isso tem muito a ver com a falta de liberdade econômica no país. Uma abundância de burocracia e a existência de interesses bem definidos e bem protegidos pelo Estado e organizações cívicas torna, para os pobres, sair da miséria, algo extramente difícil. A Bolsa família não oferece uma solução nessa situação mas tampouco impede o fim da pobreza. Quem concentra o seu ataque na Bolsa família não somente vai sofrer uma derrota certa como também ataca o alvo errado. O problema do Brasil, de um ponto de vista liberal, não é a Bolsa família mas a obstância de certos grupos que defendem os seus privilégios e impedem a livre concorrência.

Tamanha boa dose de pragmatismo baseada em uma análise sóbria da realidade não é uma "traição" na medida em que não queremos limitar o liberalismo ao mundo das teorias e das bibliotecas. Aqui quero lembrar a velha crítica de Karl Marx quando analisou a filosofia da religião na Alemanha, no século XIX:

*"Os filósofos somente têm interpretado o mundo de maneira diferente. É mais importante mudá-lo."*<sup>19</sup>

Também para o liberalismo o verdadeiro teste da sua relevância é sempre a vida real das pessoas. Consiste na sua capacidade de transformar a vida corriqueira dos cidadãos rumo ao liberalismo.

### 3.3 Os liberais têm que saber mais e aplicar o que aprendem

Um dos princípios fundamentais do liberalismo é a sua rejeição a toda forma de violência e coação. Liberais não querem forçar ninguém a fazer nada, nem

---

19. Karl Marx: Thesen über Feuerbach, em: Marx-Engels Werke, Band 3, Seite 5ff. Dietz Verlag, Berlin, 1969. (citação traduzida por Rainer Erkens).

mesmo a fazer o que eles acham que devem ser para o seu próprio bem. Tampouco eles querem comprar a aprovação a preço de presentes, de suborno ou de promessas populistas.

Aquele que quer confiar somente na força de seus argumentos precisa, todavia, de *conhecimento*. Eu sempre me surpreendo quando percebo que mesmo aqueles que se declaram Liberais sabem bem pouco sobre o liberalismo. Muitos Liberais são, no máximo, semi-analfabetos econômicos, sociais e políticos. Confiam mais nos seus instintos do que na sua razão. Isso os deixa vulneráveis.

É verdade que os adversários dos Liberais também sabem pouco ou nada sobre o funcionamento da economia, da sociedade ou da política. Mas eles têm a vantagem de dominarem a discussão. Não precisam justificar as suas posições que, para muitas pessoas, parecem verdades inabaláveis. Isso certamente é uma vantagem para os "sociais-democratas". Por outro lado, ser dominante e não estar exposto a desafios sempre traz o risco da vaidade. Promove preguiça intelectual e uma autoconfiança falsa.

Em sociedades dominadas pela "social-democracia", os Liberais em geral se encontram *na oposição*. Não glorificam o *status quo*, mas querem mudanças em favor da liberdade. Por isso, precisam romper com os prejuízos e preconceitos prevalentes. Essa ruptura somente vai ser possível se os Liberais apresentarem bons argumentos baseados em fatos, argumentos que não podem ser facilmente rechaçados ou expostos ao ridículo. Isso é tanto um desafio como uma chance.

Os sucessos daqueles que confiam cegamente no Estado têm como base a ignorância de muitas pessoas sobre o funcionamento de uma economia de mercado. Por exemplo, é tão popular como fácil pedir a introdução de um *salário mínimo*. Esta demanda, contudo, ignora a conexão íntima entre os custos do trabalho e a disponibilidade de emprego. Se em uma econômica livre alguém pensa que o seu trabalho merece mais dinheiro do que o seu patrão lhe paga, ele pode sempre mudar o patrão. Porém, é um fato que algumas pessoas aceitam voluntariamente um salário baixo. Fazem isso por falta de informação ou porque não têm nem interesse nem ambição de ganhar mais.

Outros sabem que, na sua situação específica, não podem pedir mais do que o patrão oferece. No mercado de trabalho moderno existe cada vez menos

demanda por pessoas sem qualificações. Ao mesmo tempo, existem, em cada sociedade, pessoas que não podem trabalhar regularmente ou em horários fixos (caso, por exemplo, de estudantes ou de mulheres com crianças pequenas). Outras pessoas já possuem renda, mas gostam de ganhar um dinheiro extra (caso de muitos jovens e idosos ou de mulheres cujos esposos já recebem salário).

Por falta de qualificação ou porque não podem trabalhar 40 horas semanais algumas pessoas são pouco requisitadas por empresas. No mercado de trabalho, elas possuem apenas duas vantagens: são baratas e estão dispostas a trabalhar em horários flexíveis. Quem introduz um salário mínimo (ou horários rígidos de trabalho) condena estas pessoas ao desemprego ou ao trabalho no setor informal.

Dessa maneira um salário mínimo protege somente na teoria. Os que supostamente devem se beneficiar do salário mínimo tornam-se caros demais em relação às suas qualificações ou em relação à sua disponibilidade. Provavelmente, muitos deles prefeririam trabalhar por um salário menor do que o salário mínimo estipulado pela lei, ao invés de ficar sem emprego ou na ilegalidade. Dessa maneira, os setores mais fracos da sociedade pagam o preço por políticos e sindicalistas "benevolentes" que recebem aplausos do público ao pedirem por um salário "justo".

#### **A falsa "benevolência" dos que demandam um salário mínimo**

Quem demanda um salário mínimo para pessoas mal pagas tem cara de pessoa benevolente e nobre. Na realidade, é muito questionável se, efetivamente, considerações benevolentes ou nobres formam a base da propaganda em favor de um salário mínimo. Os grupos que pedem por ele são os sindicatos e os partidos políticos da esquerda. Eles sabem muito bem que pessoas que estão dispostas a trabalhar por menos do que o salário mínimo representam concorrência não-desejada para os trabalhadores organizados em sindicatos e buscados pelos partidos da esquerda. Para estes, o salário mínimo costuma ser irrelevante porque normalmente já ganham mais do que o que o salário mínimo estipula. O salário mínimo neste sentido tem a vantagem de aumentar o preço do trabalho dos grupos mal pagos para o padrão. Dessa maneira, os trabalhadores bem pagos se livram de uma concorrência importuna. As poucas pessoas que, ao fim, realmente ganham mais com o salário mínimo logicamente são gratos aos sindicatos e aos partidos da

esquerda por terem lutado por eles. Mas os muitos perdedores que já não conseguem mais trabalho legal normalmente têm pouco peso na política. São esquecidos. Vão terminar sem emprego ou entrar no setor informal, onde perdem qualquer proteção. O problema deles é carecerem de organizações eficazes e grupos "lobby" nos corredores do poder. A única alternativa à sua exclusão do mercado legal de trabalho seria definir um salário mínimo tão baixo que na realidade tem relevância somente para pequenas minorias da força de trabalho. Mas isso a esquerda não quer porque não solucionaria o problema da concorrência para os trabalhadores bem pagos. Por isso, preferem o que o economista brasileiro Fábio Giambiagi chama "um salário mínimo que não é mínimo."<sup>20</sup>

Sabemos que a ignorância sempre foi e será um solo fecundo para a esquerda e para a direita. Contudo, não serve cair na armadilha da arrogância. Para muitas pessoas é totalmente racional não saber muito sobre a economia ou a política. Formar-se nestas matérias exige custos consideráveis de informação. É preciso investir tempo e dinheiro. Quem se dedica à política deve sacrificar outros interesses, prazeres, deveres e passatempos, que, em uma sociedade livre, estão a sua disposição.

A maioria dos cidadãos sabe que, em todo caso, a sua influência individual em decisões políticas é marginal. Comparado com os custos de informar-se sobre os temas sempre variáveis do discurso público, a sua chance de determinar algo é mínima. Assim, se fala da "*ignorância racional*" de muitos eleitores. A maioria deles está muito inclinada a deixar a política para os profissionais, que são pagos por e para se manterem informados: políticos, funcionários públicos, jornalistas, intelectuais ou representantes de grupos de interesse.<sup>21</sup>

Nessa situação, para os Liberais existe somente um caminho: necessitam de conhecimentos para destruir o imaginário criado por adversários ideológicos. Conhecimento, porém, não surge do nada. Precisa ser trabalhado, testado e expandido em discussões.

---

20. Fábio Giambiagi: Brasil. Raízes do atraso. Paternalismos *versus* Produtividade. As dez vacas sagradas que acorrentam o país, Rio de Janeiro, 2007:83.

21. O conceito da "ignorância racional" da maioria dos eleitores é um cerne da teoria de "Public Choice", que ajuda muito entender processos políticos. Ver: Gordon Tullock/Arthur Seldon: Government Failure. A Primer in Public Choice, Washington, 2002; e Erich Weede: Mensch, Markt und Staat, Stuttgart, 2003.



Para quem quer entrar na política, não existe uma alternativa à *leitura diária de notícias*. "Orkut", "You Tube", "Second Life" ou Blogs individuais podem ajudar na divulgação de mensagens e propostas liberais. Mas para definir estas mensagens e propostas a leitura regular das notícias é indispensável. Também serve ocupar-se de livros e revistas que analisam a situação a partir de um ponto de vista liberal. De vez em quando, até vale a pena ler textos escritos por nossos adversários.

A internet torna fácil a busca de informações. É um instrumento fantástico tanto para a aquisição quanto para a difusão de conhecimento. No passado, era necessário ler muitos livros e artigos e consultar muitas pessoas para ganhar acesso a dados e fatos. Hoje é suficiente conhecer os websites de um número limitado de organizações liberais e instituições internacionais de modo a corroborar os argumentos com dados empíricos. Mas sem o conhecimento onde se encontra informação de qualidade e sem o conhecimento suficiente como analisar e julgar as informações disponíveis na internet a tecnologia mais avançada serve pouco. Não é suficiente limitar a tecnologia de informação, por exemplo, a Wikipédia e pegar no seu blog artigos encontrados em websites desta natureza. Mas para o seu "*websearch*" os Liberais têm suas fontes que oferecem dados, fatos, análises e opiniões bem fundamentados.

#### Alguns websites úteis para Liberais

A internet oferece uma abundância de dados e fatos que podem ajudar os Liberais no debate público. Mas quais websites são realmente importantes para os fins liberais? Aqui seguem algumas dicas. Infelizmente, alguns estão disponíveis apenas em inglês.

Os índices da *Heritage Foundation* ([www.heritage.org](http://www.heritage.org)) e da *Economic Freedom Network* ([www.freetheworld.com](http://www.freetheworld.com)) informam sobre a posição dos países do mundo no ranking de liberdade econômica. Estes índices aparecem anualmente, o que permite comparar se um país tem melhorado a sua posição em comparação com os outros. Os dois índices mencionados contêm também boas explicações dos dados apresentados. O *Economic Freedom Network*, da qual a *Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit* (FNF) é membro, também faz comparações e correlações da liberdade econômica com outros fatores, como a esperança de vida ao nascer, a distribuição de renda, o

combate à pobreza, etc. A *Property Rights Alliance* ([www.propertyrightsalliance](http://www.propertyrightsalliance)) produz um índice que investiga como os países do mundo protegem a propriedade. O *World Economic Forum* ([www.weforum.org](http://www.weforum.org)) apresenta o *Global Competitiveness Report*, que mostra se um país é qualificado o suficiente para obter vantagem da globalização. O índice da *Transparency International* ([www.transparency.org](http://www.transparency.org)) publica o *Global Corruption Report*, que mede o nível da corrupção nos países do mundo. A *Bertelsmann Stiftung* ([www.bertelsmann-stiftung.de](http://www.bertelsmann-stiftung.de)) apresenta o *Bertelsmann Transformation Index*, que investiga o progresso dos países no caminho à democracia e à economia de mercado. A *International Finance Corporation* ([www.ifc.org](http://www.ifc.org)) publica um índice muito útil, baseado em vários itens, que analisa e compara quais são os problemas concretos de empresas e empresários em cada país. O *Freedom House* ([www.freedomhouse.org](http://www.freedomhouse.org)) se ocupa dos direitos políticos e da liberdade de imprensa no mundo. A revista semanal britânica "*The Economist*" ([www.economist.com](http://www.economist.com)) pública, meio à abundância de estatísticas interessantes, um *Democracy Index*, que apresenta um ranking de países com base em sua capacidade de proteger a liberdade. Em geral, os websites do *Banco Mundial* ([www.worldbank.org](http://www.worldbank.org)) e da *Organization for Economic Cooperation and Development* (OECD) ([www.oecd.org](http://www.oecd.org)) contêm muitas estatísticas e muitos relatórios que podem ser importantes para a preparação de uma palestra ou de um artigo. Vale muito a pena estudar o relatório da *International Finance Corporation* que mostra quão fácil ou difícil é estabelecer, abrir ou fechar uma empresa. Para comentários da política brasileira do ponto de vista liberal, veja, por exemplo, os websites do Instituto Liberdade, em Porto Alegre ([www.il-rs.org.br](http://www.il-rs.org.br)), do Instituto Millenium, no Rio de Janeiro ([www.institutomillenium.org](http://www.institutomillenium.org)), ou do Instituto Cato, em Washington, que disponibiliza a página em português, no [www.OrdemLivre.org](http://www.OrdemLivre.org). O Instituto Liberdade, em Porto Alegre, e o Instituto Liberal, no Rio de Janeiro ([www.institutoliberal.org.br](http://www.institutoliberal.org.br)), dispõem de boas bibliotecas de autores liberais e muitas informações sobre os clássicos Liberais em seus websites.

O conhecimento dos *autores clássicos do liberalismo* também continua sendo extremamente útil o que não significa que os liberais têm que ser ratos de bibliotecas. Ninguém deveria passar dia e noite em salas de leituras nem investir todo o seu dinheiro em livros. Tampouco é necessário ter lido todos os clássicos. Como o francês Pierre Bayard mostra em um pequeno livro brilhante: ler em excesso pode mesmo debilitar, pois corremos o risco de ponderar demais sobre um tema sem sermos capazes de chegar a uma posição clara – problema típico de muitos intelectuais. Uma abundância de detalhes

causa facilmente confusão. Lembre-se: *No debate político não ganha o político com os argumentos mais completos, mas o político com os argumentos mais convincentes e mais fáceis de entender.*

Pierre Bayard também chama a atenção ao simples fato de que, já quando começamos a leitura, entramos no processo de esquecer uma boa parte do que estamos lendo. Conhecimento completo é tão impossível como desnecessário. As observações de Pierre Bayard nos dão um bom conforto contra as críticas dos oniscientes, sabichões e dicionários humanos que gostam de apresentar-se como pessoas eruditas e cultas.<sup>22</sup>

Não quero apresentar aqui uma lista dos clássicos cuja leitura eu considero indispensável para uma pessoa que tem a intenção de familiarizar-se com o pensamento liberal. Isso seria um atrevimento dada a riqueza desse pensamento nos últimos séculos. Mas as obras de autores como Friedrich Hayek, Milton Friedman e Ludwig von Mises que menciono nos rodapés dessa publicação podem bem ser uma boa entrada no mundo dos clássicos.<sup>23</sup>

A leitura de livros, revistas e jornais só é útil além da formação privada quando depois sabemos *aplicar e utilizar o que lemos*. Isso torna imprescindível a capacidade de selecionar e de distinguir o que é importante do que é meramente transitório ou acidental. Na política, com a sua tendência de produzir fumaça, essa capacidade é uma arte. O problema é que hoje em dia quase nunca faltam informações. O que falta é *a capacidade de fazer uma escolha – e fazer uma escolha a partir de um ponto de vista liberal*. Justamente frente à onda gigantesca de informações a que todos estamos expostos no dia a dia, os clássicos oferecem uma orientação segura, uma bússola que nos ajuda a não nos perdermos no oceano de informações.

As obras dos autores liberais clássicos são valiosas por nos ensinarem um *método* de como analisar um problema do ponto de vista liberal e em que direção temos que procurar a solução. Elas ajudam a definir posições

---

22. Pierre Bayard: Comment parler des livres que l'on n'a pas lus? Paris, 2007.

23. Na minha opinião o melhor acesso ao Liberalismo encontra-se numa obra de Ludwig von Mises com o título: "As seis lições". Estas lições são o resultado de uma série de seis discursos que Mises fez em 1958 em Buenos Aires, Argentina. Já que eram discursos para pessoas com pouco conhecimento técnico e pouca experiência nas idéias liberais, Mises usa uma linguagem bastante simples e utiliza muitos exemplos concretos para ilustrar os seus pensamentos. Este fato torna o livro (traduzido para o português e publicado pelo Instituto Liberal no Rio de Janeiro) especial e adequado para iniciantes na teoria liberal.

consistentes e coerentes além da política corriqueira. Os clássicos, que apenas reagem a novos acontecimentos e eventos, ajudam a desenvolver posições independentes que são o resultado da reflexão intelectual e do raciocínio, baseados em valores e princípios claros. Isso forma uma alternativa ao seguimento da moda do dia ou à obediência, como escravos, dos resultados das pesquisas de opinião pública que aparecem todos os dias em jornais e revistas. Os clássicos dão aos Liberais a possibilidade de reconhecer a propaganda, farejar mentiras e descobrir erros.

Gostaria de mencionar novamente Claude-Frédéric Bastiat. Ele descreve um bom princípio liberal:

*"Não nos acostumemos a sempre julgar as coisas somente pelo que vemos, senão também pelo que não vemos. Isso faz a diferença entre um bom e um mau economista."* <sup>24</sup>

Reconhecer o que não é visível à primeira vista pode ser a chave do sucesso dos Liberais. Porque nas palestras dos "sociais-democratas", muitas coisas ficam ocultas atrás da fumaça política. Aqui, gostaria de mencionar somente algumas das omissões, falhas e enganos mais freqüentes.

Não agrada aos políticos "sociais-democratas" *que tudo que já foi gasto para uma coisa não pode ser gasto para outra coisa*. Esse fato faria impossível prometer tudo a todos ao mesmo tempo. Quem investe o dinheiro público em salários de mais funcionários não pode investir o mesmo dinheiro na educação das crianças.

Os "sociais-democratas" não querem admitir que *as decisões de hoje podem ter custos altos no futuro*. O que hoje parece justo e barato pode muito bem ter um efeito negativo no futuro e reduzir as opções das gerações futuras. É fácil, por exemplo, integrar no fundo de pensão público pessoas que nunca pagaram uma contribuição, enquanto estas pessoas ainda são jovens. Contudo, um dia, como aposentados, eles vão pedir o dinheiro prometido.

É fácil ocupar, a cada ano, mais e mais funcionários públicos, mas numa situação de crise econômica eles vão apresentar a conta. Sempre é fácil aceitar

---

24. Claude Frédéric Bastiat: Was man sieht und was man nicht sieht, em: Marianne e Claus Diem (eds.): Der Staat – die große Fiktion, op.cit., pag. 107 (citação traduzida por Rainer Erkens).

dívidas públicas, mas um dia os empréstimos terão de ser pagos pelas crianças dos que hoje vivem bem.

Os "sociais-democratas" *tampouco prestam atenção nos efeitos colaterais das decisões de hoje*. Com frequência, estes efeitos aparecem em lugares totalmente inesperados. Por exemplo, sistemas e projetos de assistência pública que protegem os cidadãos contra os riscos de doença, velhice ou desemprego têm o efeito colateral de despojar a família da sua função financeira e econômica. Quem sabe se, em caso de doença, um seguro social vai pagar a fatura do seu médico e a cama no hospital não tem que manter boas relações com os pais, as crianças, os irmãos ou os parentes por questões econômicas. Dessa maneira, o Estado de Bem-estar torna redundante a família como sistema de apoio mútuo contra os riscos da vida. Isso necessariamente debilita a família como instituição social com todas as conseqüências negativas que podemos observar, desde idosos abandonados até crianças malcriadas. Paradoxalmente, os mesmos políticos que estabelecem cada vez mais agências estatais que tornam supérflua a família depois se queixam do declínio da família – e pedem mais dinheiro estatal para elas.<sup>25</sup>

Os políticos "sociais-democratas" gostam de *esconder o fato de que não existem beneficiários sem perdedores*. Ludwig von Mises escreve:

*"A verdade é que o governo não pode dar nada que não tenha tomado de alguém antes. Nunca o governo paga um subsídio de seus próprios recursos. Sempre o Estado concede subsídios às custas dos contribuintes."*<sup>26</sup>

A diferença é muitas vezes que os perdedores, os que pagam a conta, são pessoas e grupos que não sabem articular os seus interesses. Tampouco sabem se organizar. Isso não é um problema somente do salário mínimo que já foi mencionado. Também é a doença mais importante das "mesas redondas" favorecidas por muitos "sociais-democratas" e esquerdistas como um método supostamente democrático de tomar decisões, mas já criticado num dos capítulos anteriores. Sob o pretexto de que na democracia todos devem fazer parte de decisões importantes, eles convidam representantes de associações profissionais e de movimentos e organizações sociais, acadêmicos e intelectuais

---

25. Ver, por exemplo, Patricia Morgan: *The Impact of Tax and Benefits on Family Structures*, Friedrich Naumann Stiftung für die Freiheit (Occasional Paper 38), Potsdam, Germany, 2008.

26. Ludwig von Mises: *Die Bürokratie*, Sankt Augustin, 1997:91 (citação traduzida por Rainer Erkens).

para uma reunião em que todos os presentes podem exprimir a sua opinião sobre um assunto e dessa maneira participar em decisões políticas.

O problema é que a "mesa redonda" nunca é uma mesa completa. Sempre estão ausentes tanto os grupos não-organizados ou não-organizáveis como grupos com pouco peso eleitoral: consumidores, desempregados, donos de pequenas e micro-empresas, donas de casa, crianças, analfabetos, trabalhadores do setor informal e outros mais. Inevitavelmente, eles são os perdedores das decisões nas "mesas redondas", em que os interesses bem-organizados, poderosos e vociferantes predominam.<sup>27</sup>

Outra ilusão da "social-democracia" é a *idéia de que todos os problemas podem ser solucionados pelos políticos*. Isso coincide com a visão de que toda a vida e toda a sociedade podem ser subjugadas a um planeamento que segue o imaginário dos políticos. Dessa maneira os políticos pretendem ser oniscientes. Na realidade, a "ordem espontânea" e a "mão invisível" do mercado definido por Adam Smith e por outros autores liberais solucionam qualquer problema económico e social muito melhor do que tecnocratas políticos. Há mais de 200 anos, Adam Smith mostrou que o mercado e a concorrência livre, como âmbito em que todos os cidadãos participam, produzem as mercadorias e os serviços necessários independentemente das virtudes ou dos vícios dos comerciantes ou produtores. A liberdade é o melhor caminho para encontrar novas soluções para desafios velhos e novos. A liberdade abre a chance de se desenvolver idéias criativas, de se experimentar com alternativas e de se superar preconceitos.

Mas em vez da liberdade reinam os profissionais experientes – os especialistas. Existe na "social-democracia" uma crença quase cega no conhecimento deles. Não interessa que muitas vezes no passado a opinião dos profissionais experientes tenha sido bastante errada.<sup>28</sup> A crise financeira

---

27. Uma boa crítica das ideais da esquerda sobre uma democracia direta oferece Denis Lerrer Rosenfield: *A Democracia Ameaçada. O MST, o teológico-político e a liberdade*, Rio de Janeiro, 2006:50.

28. Um livro tão divertido como profundo que revela as opiniões frequentemente erradas de muitos profissionais experientes é o de Steven D. Levitt e Stephen J. Dubner: *Freakonomics. A Rogue Economist Explores the Hidden Side of Everything*, London, 2005. Outra contribuição muito divertida sobre os erros dos especialistas é de Malcolm Gladwell: *The Tipping Point. How Little Things Can Make a Big Difference*, London 2000 (existe uma tradução portuguesa no Brasil com o título: *O ponto de desequilíbrio. Como pequenas coisas podem fazer uma grande diferença*).

global que vimos em 2007/2008 mostra que os especialistas sabem pouco. Presidentes de Bancos Centrais poderosos, gerentes pomposos de bancos e companhias de seguro, funcionários de agências de riscos, ministros da Fazenda, funcionários supostamente experientes do Fundo Monetário Internacional, professores eloqüentes de universidades famosas, jornalistas especializados e formados em modelos matemáticos: quase todos estes, e outros mais, ignoraram os fatos mais simples da vida, que até um cidadão mediano sabe bem por meio da experiência corriqueira: confiar em dinheiro virtual que não tem correspondência no mundo real não é sustentável. Gastar mais dinheiro do que há à disposição não pode funcionar. Mas qualquer político sabe que ganha-se eleições mais facilmente com juros baixos e com muito dinheiro no mercado do que com uma política de austeridade.

Outro bom exemplo para o preço que pagamos pelo culto aos profissionais experientes são *as mudanças do clima e o aquecimento global*. A "social-democracia" tem descoberto estes dois temas como um novo pretexto para justificar mais impostos, mais controle estatal, mais regras e mais pressão sob os indivíduos em nome de um objetivo que parece tão nobre, tão auto-explicativo que quase ninguém ousa levantar objeções. Para os Liberais, contudo, sempre céticos quanto à opinião corrente, as mudanças climáticas no mundo levantam diversas perguntas. Mas quando alguém não quer seguir as recomendações, os especialistas ameaçam com uma "catástrofe" iminente. A palavra "catástrofe" e o seu uso inflacionário, então, têm a função de eliminar resistência e desacreditar de antemão todo tipo de reservas.

O *ecologismo*, uma das variações mais recentes da "social-democracia", santifica quase toda a limitação da liberdade individual. Tem razão o escritor alemão liberal Dirk Miersch quando compara o ecologismo a uma religião:

*"Muitas vezes o ecologismo se esconde atrás de uma fachada científica. A vida eterna corresponde à reciclagem ininterrupta. A penitência aparece na forma do vasilhame. A catástrofe do clima toma o lugar do Juízo Final, e, no lugar de campanários, os parques eólicos erguem-se para o céu."*<sup>29</sup>

---

29. Dirk Maxeiner: Hurra, wir retten die Welt! Wie Politik und Medien mit der Klimaforschung umspringen, segunda edição. Berlin, 2007:195.

### O aquecimento global: um exemplo para o instinto gregário

A ascensão do *aquecimento global* como tema principal da moda mostra que obviamente os seres humanos modernos não podem viver sem cair em pessimismo e pânico. Mostra também o impacto do instinto gregário. Desde que o aquecimento global foi descoberto como tema por políticos e pela mídia, todo fenômeno natural, todo fenômeno do tempo intensifica o medo de que o mundo está à margem de uma catástrofe: muita chuva ou pouca chuva, inundações ou estiagem, frio ou calor, cada tempestade e cada calmaria são interpretadas na média como arauto de uma mudança climática perigosa. Muitos Liberais, porém, contradizem a interpretação majoritária sobre o aquecimento global em fóruns internacionais. Não contestam o fato de que as temperaturas mostram um aumento médio, embora já a dimensão e a velocidade desse aumento sejam controversas. Mas eles põem em dúvida que esse aumento seja algo único na história da humanidade. Duvidam também que o homem tenha a responsabilidade principal por esse aumento. Muitos Liberais não estão seguros de que o aumento é consequência de CO<sub>2</sub>. Em vez das certezas expressas em conferências internacionais, eles chamam a atenção para as muitas lacunas e incertezas que ainda existem em nosso conhecimento sobre o clima. Além de tudo, põem em dúvida que um planejamento internacional com uma abundância de novas regras, proibições e quotas, definidas, executadas e fiscalizadas por políticos, burocratas e fundamentalistas ecologistas seja o melhor caminho para encontrar respostas ao desafio climático. Eles têm mais confiança na capacidade inesgotável da humanidade de sempre encontrar as soluções adequadas a novos desafios. Mas isso pressupõe um mercado livre para novas idéias e novos produtos. Desafortunadamente, os ecologistas querem limitar exatamente este livre mercado de idéias e produtos em nome da proteção do clima. Ao fim, os críticos liberais contrários à tendência dominante não querem investir grandes somas de dinheiro nem sacrificar boa parte da sua liberdade na execução de planos ambiciosos como o Protocolo de Kyoto que podem, no máximo, *reduzir - e não frear - o aumento das temperaturas* no mundo. Preferem que a humanidade se prepare para o futuro antecipando e aceitando as mudanças climáticas, investindo nas medidas necessárias ao invés de investir dinheiro e esforços em uma causa já perdida. Preferem adaptação no lugar de uma política que ainda se concentra no impedimento com altos custos da mudança climática.

Um truque especial dos "sociais-democratas" consiste em se esconderem atrás de palestras pomposas, interesses materiais e o egoísmo dos grupos que os



*apóiam*. Palavras místicas e emocionais como "o povo", "a sociedade", "a pátria", "o bem comum" ou "justiça social" tentam manipular a opinião pública e eliminar o raciocínio.

### "O povo" não existe

Políticos gostam de falar sobre "o povo". Mas o povo não existe. Em 2007, o sociólogo brasileiro Alberto Almeida publicou um livro muito útil com o título "A Cabeça do Brasileiro" que contém os resultados de muitas pesquisas sobre as atitudes e opiniões dos brasileiros. As pesquisas tocam uma grande variedade de temas políticos, econômicos e sociais. Os resultados mostram: não existe nenhum tema em que predomine unanimidade entre as pessoas consultadas. Em todos os casos existe uma maioria e uma minoria ou até várias minorias que não compartilham da opinião da maioria. O tamanho da minoria pode oscilar. Pode ser uma minoria pequena, de dez por cento, ou uma minoria bastante grande, de 45%, mas sempre existem pessoas que não estão de acordo com a posição da maioria. Em uma democracia isso não surpreende, posto que todos vivem em situações diferentes, que influenciam as suas opiniões. Todos têm outras biografias e outras experiências. Todos têm interesses, desejos, medos e aspirações individuais. As pesquisas refletem a riqueza de uma sociedade aberta, que é a consequência da convivência de indivíduos livres. Assim, quando um político fala que "o povo" gosta das demandas e das posições dele, ele quer enganar o público. Quer blefar. O máximo que ele é capaz de alcançar é que o seu ponto de vista, a sua proposta, seja majoritária. Mas, ainda que um político tenha a maioria ao seu lado: porque uma maioria deve ter razão? Na sociedade moderna, onde todos estão expostos à propaganda "social-democrata" dia e noite, onde a ignorância sobre a interação entre política e economia é imensa, onde reina a apatia política em grandes setores da população, onde a ignorância é racional para os eleitores onde o sistema de educação ainda se baseia nas ideologias marxistas e esquerdistas antiquadas, talvez possa ser interessante e relevante conhecer a opinião da maioria. Contudo, como fonte de sabedoria não serve para um Liberal.

Na realidade, todos deveriam saber que muitos políticos e burocratas não são santos altruístas nem fidalgos nobres que trabalham dia e noite em favor do "bem comum" ou "em prol do povo". Eles seguem antes de tudo *os seus*

*interesses particulares*. O mais fundamental dos interesses do político é a reeleição. Outros são: a defesa dos seus bons rendimentos e privilégios e o acesso aos recursos públicos que o ajudam a premiar aliados, simpatizantes e eleitores e exercer poder.

Por isso, em geral, é ingênuo esperar de políticos "sociais-democratas" menos impostos e uma diminuição da carga tributária. É ingênuo esperar deles a privatização de empresas estatais caras e ineficientes. É ingênuo esperar deles uma redução de burocracia e a eliminação de leis que limitam a liberdade. Porque políticos "sociais-democratas" sabem muito bem: quanto menos os cidadãos podem decidir sobre os seus próprios recursos tanto mais precisam de apoio do Estado. *Quanto menos os cidadãos são capazes de resolver os seus próprios assuntos*, devido à abundância de leis e de regras estatais, *tanto mais dependem dos políticos*.

Somente em situações excepcionais os políticos vão dar mais espaço aos cidadãos. A experiência com o "neoliberalismo", uma palavra tão pouco clara, que apenas serve se usada entre aspas, confirma essa observação. O escritor liberal cubano Carlos Alberto Montaner tem razão, quando políticos não-liberais na América Latina usavam idéias "neoliberais" durante os anos oitenta e noventa, escreve Montaner, eles queriam evitar o fracasso total da mistura de políticas esquerdistas, nacionalistas, populistas e "sociais-democratas" dos seus antecessores. Ameaçados pela bancarrota e pela irrelevância crescente dos seus países no mundo globalizado, tomaram decisões em favor da abertura dos mercados, do combate à inflação e da privatização de algumas empresas estatais. Foi previsível que, no momento de dificuldades, estes países voltassem para políticas antigas e abandonassem o caminho "neoliberal" tomado por necessidade e oportunismo e não por convicção.<sup>30</sup>

### Qual "neoliberalismo"?

Para a esquerda, mas também para alguns "sociais-democratas", o "neoliberalismo" tem completado o arsenal dos palavrões, do qual já fazem parte o "fascismo", o "imperialismo" e o "capitalismo". Uma discussão racional sobre o

30. Carlos Alberto Montaner: *La Libertad y Sus Enemigos*, Buenos Aires, 2005:22-28. Para uma crítica liberal da adaptação do "neoliberalismo" na América Latina, ver também Álvaro Vargas Llosa: *Rumbo a la Libertad. Por qué la izquierda y el "neoliberalismo" fracasan em América Latina*, Buenos Aires, 2004.

"neoliberalismo" não é possível. Existem pelo menos três tipos diferentes de "neoliberalismos". O primeiro "neoliberalismo" é o conjunto dos pensamentos desenvolvidos a partir dos anos trinta do século passado. Tentaram adaptar o liberalismo clássico aos desafios do Século XX. Isso é a teoria do "neoliberalismo" como ensinada nas universidades e discutida em círculos intelectuais. Mas já que o liberalismo não conhece ortodoxia, não existe unanimidade entre os adeptos do "neoliberalismo", existindo diferenças de opinião. O jornalista alemão Philip Pickert mostra num novo livro a chamada "Sociedade Mont Pélerin", um dos pontos mais importantes da reunião dos "Neoliberais" no mundo da Segunda Guerra Mundial, quão diversificado é o aspecto da opinião entre os Neoliberais.<sup>31</sup> O segundo tipo de "neoliberalismo" é a política que certos políticos na América Latina e em outros lugares aplicaram nos anos oitenta e noventa para salvar os seus países que se encontravam à margem da falência e da irrelevância. Todos esses políticos, antes das reformas, eram esquerdistas, populistas, nacionalistas ou "sociais-democratas". De fato, nenhum dos políticos na América Latina atacados como "neoliberais" pela esquerda usava ou usa a palavra "neoliberalismo" para definir o seu programa. Eles escolheram da teoria "neoliberal" apenas os elementos que gostaram mais, tratando o "neoliberalismo" como um cardápio num restaurante que permite livre escolha. Também aplicaram esses elementos dentro do contexto da velha cultura política latina americana que se caracteriza por fisiologismo, nepotismo e clientelismo. Dessa maneira, as privatizações propaladas pelos políticos "neoliberais" poucas vezes ocasionaram o incremento da concorrência. Em muitos casos, substituíram monopólios estatais por monopólios ou oligopólios privados, beneficiando as pessoas com acesso ao poder. Por isso, é bem justificada uma crítica liberal das manobras seletivas destes políticos oportunistas. Mas a esquerda não critica o uso arbitrário e imperfeito de idéias "neoliberais" pelos políticos de hoje. Em vez disso, condena o conceito em si. Aqui, temos o terceiro tipo de "neoliberalismo": a caricatura, o fantasma, que a esquerda faz do "neoliberalismo". Hoje a esquerda difama como "neoliberal" qualquer minúscula mudança, qualquer reforma econômica e social tímida em direção a mais liberdade e a mais concorrência. No imaginário estreito destes ideólogos, até a política do Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, é classificada como "neoliberal". Contudo, a crítica cega e fanática não dispensa a esquerda ou os "sociais-democratas" de explicar qual dos elementos da

31. Philip Plickert: *Wandlung des Neoliberalismus: Eine Studie zu Entwicklung und Ausstrahlung der „Mont Pelerin Society“*, Stuttgart, 2008.

ideologia neoliberal eles não querem e por quê. Um dos princípios do neoliberalismo, por exemplo, é o controle da inflação, um tema muito importante, por exemplo, na obra de Milton Friedman.<sup>32</sup> Os beneficiários principais da inflação nunca são os pobres nem a classe média. Os únicos que obtêm vantagem com a inflação são os ricos, que tem grande parte da sua fortuna no exterior e que dispõem de casas, carros, jóias, iates e outros bens que não perdem o seu valor com a inflação. O "neoliberalismo" também propõe que o orçamento do governo seja equilibrado. Isso livra os filhos dos contribuintes de hoje de terem de pagar as dívidas dos seus pais. Na vida privada todos chamariam essa atitude de responsável e justa. Porque essas e outras políticas devem ser combatidas na vida pública fica sendo um segredo dos críticos do "Neoliberalismo".

Podemos estar seguros: toda vez que um político toma uma decisão que, do ponto de vista econômico, parece um absurdo, ela pode ser, para ele, politicamente bem racional, isto é, ajuda o político a ser reeleito e a manter o acesso ao poder e aos privilégios.

É o nosso dever como Liberais chamar a atenção para estes custos, efeitos colaterais e interesses pessoais! Mas como nós podemos cumprir com nosso dever de exercer controle se não formos capazes de detectar e revelar o que se esconde atrás das palavras doces dos políticos?

Enfim, os Liberais devem também melhorar as suas capacidades. É bom saber muito. Mas ainda precisamos das técnicas adequadas para aplicar e comunicar o que sabemos. Por isso necessitamos de pensamento estratégico. Necessitamos de conhecimentos básicos de retórica. Temos que saber como lidar com as mídias. Precisamos de conhecimento sobre o uso da internet na comunicação política. Tudo isso se pode aprender, tanto em forma de literatura e cursos, quanto por meio da prática política. Para facilitar o processo, eu tenho um livrinho publicado, facilmente disponível, em que tento definir algumas regras básicas com explicações sobre como ter sucesso na política.<sup>33</sup> As regras resumidas encontram-se no apêndice, ao final deste texto.

---

32. Milton Friedman/Rose Friedman: Free to Choose. A Personal Statement, San Diego, New York, London 1990, págs. 248 segts.

33. Rainer Erkens: Doze Regras Simples para se tornar um político bem-sucedido. Publicação do Instituto Friedrich Naumann para a Liberdade em São Paulo, 2008.

### 3.4 Temos que mostrar mais coragem e lutar em público pelos nossos ideais

Conhecimento por si só traz pouca coisa se não for compartilhado com outras pessoas. Para causar impacto, o conhecimento dos Liberais também precisa ser acessível a outras pessoas. Além de tudo, isso requer coragem. Infelizmente, aqui temos que constatar um vergonhoso déficit de muitos Liberais.

Como é pequena a coragem de tantos Liberais de declarar abertamente suas crenças! Tão poucos serviram ou servem como uma "Lanterna na Popa", para utilizar o título da coleção de textos do grande liberal brasileiro, Roberto Campos. Ele mostrou que é possível conciliar convicções liberais com uma vida política ativa.<sup>34</sup>

Muitos Liberais, contudo, preferem o conforto da poltrona à luta na vida pública. Preferem publicar artigos em *websites* e *blogs* que só serão lidos por aqueles que compartilham da mesma opinião. Comportam-se como se tivessem algo a dissimular, como se a mensagem liberal fosse um segredo ou uma vergonha que não deve ser revelado às massas.

Existem Liberais que não têm a coragem suficiente de propalar o seu ponto de vista aos eleitores. Ficam calados durante encontros, reuniões e conferências. Deixam o microfone de escanteio. Seguem a linha: eu sei mais do que o palestrante e os participantes, mas não vale a pena demonstrá-lo. Calar por medo de se tornar impopular e atacável, todavia, não é uma virtude. É covardia.

Os Liberais precisam tomar parte das discussões públicas. Precisam divulgar e defender as suas idéias publicamente. Precisam levantar a sua voz quando ouvem mentiras. Têm que usar todos as plataformas e meios ao seu alcance para propagar o liberalismo: universidades, televisão, jornais, internet, o bar do bairro onde vivem, o escritório onde trabalham e qualquer outro lugar da vida real onde entram em contato com outros seres humanos. Têm que falar sobre as suas idéias e as suas alternativas na família, entre amigos, companheiros e colegas. Têm que se engajar em partidos políticos que representam idéias liberais para ganharem aliados e influírem nas decisões políticas.

---

34. Roberto Campos: A Lanterna na Popa, Vols. 1 e 2, 4ª edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, 2004.

Já conheço o argumento muito usado em círculos liberais que a esquerda domina as discussões públicas. Por isso alguns Liberais dizem não valer a pena entrar na cova dos leões para falar com os adversários políticos. Estamos apenas gastando o nosso tempo e a nossa paciência.

Na verdade, esta é a receita *da derrota*. Também carece de *sustância*.

Em discussões abertas ao público sempre existem pessoas que não compartilham do ponto de vista da esquerda. É bem provável que em um debate público não possamos convencer os representantes de uma esquerda dura e cega, que sabe que as nossas posições ameaçam a hegemonia e os privilégios dela. Por isso, não vale a pena tentar convencer os nossos inimigos e adversários políticos. *O alvo verdadeiro dos Liberais nunca deve ser o concorrente político*. Claro que temos que falar ou pelo menos parecer falar ao adversário num debate. Mas na realidade os Liberais têm que dirigir os seus argumentos às pessoas do auditório que estão à procura de informações alternativas.<sup>35</sup> Eu posso assegurar aos leitores deste livro: estas pessoas sempre existem, até em um ambiente crítico ou hostil, aparentemente totalmente oposto a nossas idéias.

Estes cépticos são o verdadeiro grupo alvo dos Liberais. Eles estão à procura de palestrantes que têm a coragem de contradizer a opinião corrente. Aprendem com os argumentos dos Liberais – e ainda mais do exemplo que eles constituem. Depois de muitos encontros dos quais participei em minha vida, fui contatado por participantes que exprimiam a sua satisfação com minhas posições. Também me agradeceram por ter dito o que eles somente estavam pensando, mas não ousavam dizer em público. Estes tímidos e inseguros precisam dos Liberais. O melhor caminho para impressioná-los é o de os Liberais manterem o *controle* na discussão com a esquerda: o controle dos seus próprios argumentos e o controle das suas emoções. Quem alcança isso – o que não é fácil dado o fanatismo de grande parte da esquerda e o nível de seus argumentos – ganha o controle do seu adversário e assim o controle do evento. Nesse caso muitas vezes a *postura* do Liberal, a sua convicção,

---

35. Isso é o mesmo que acontece nos parlamentos em todas as democracias modernas do mundo. Em geral, nenhum deputado tem a esperança de convencer os deputados das outras bancadas. Ao fim, eles vivem do fato de pertencerem a partidos diferentes. Mas os deputados sempre têm a esperança de que os votantes fora do parlamento escutem os seus argumentos. Pretendem falar ao plenário do parlamento, mas na realidade querem, com os seus discursos, alcançar os telespectadores ou os leitores dos jornais.

a sua confiança na força dos seus argumentos, a sua calma até numa onda de ataques da esquerda é mais valiosa do que o peso intelectual dos seus argumentos.

Tenho, ainda, mais um argumento. A esquerda já não tem a força que tinha no passado. A esquerda sofre com o mesmo inimigo que os Liberais: a indiferença e apatia política, especialmente entre os jovens. Ironicamente, com as suas promessas do paraíso na terra, com a sua intolerância a opiniões diferentes, com o seu desprezo pelo mercado e o seu moralismo amargo, eles mesmos causaram esta mistura de desinteresse e desilusão.

O que vemos em muitos lugares não é uma esquerda hegemônica como nos anos de 1970 ou 80. Vemos *uma esquerda bastante desorientada* que também tem que lutar por atenção. Hoje a esquerda é – nas palavras do sociólogo francês Bernard-Henri Lévy, ele mesmo um esquerdista – um “grande cadáver deitado de costas”.<sup>36</sup> É uma ideologia fracassada que tem produzido, ou pelo menos tolerado, no século XX, milhões e milhões de mortos e de vidas arruinadas. É uma ideologia que só pode sobreviver em cabeças confusas, porque na prática não tem mais valor.

Na realidade muitas pessoas e especialmente muitos jovens, uma grande parte deles com boas qualificações, encontram-se num vácuo ideológico. Este vácuo existe também por falta de uma oferta que os convença e inspire. Este vácuo existe porque os Liberais não têm sabido preenchê-lo.

Neste grupo de jovens se encontram muitas pessoas que não são necessariamente apolíticas ou contra a política. Na realidade, estão à procura de alternativas plausíveis que correspondam a seus desejos e aspirações. Alternativas que possam ajudá-los a encontrar o seu lugar no mundo e a aproveitar as grandes oportunidade que a liberdade oferece. Temos uma boa chance de mobilizar estas pessoas em nome da liberdade se não tivermos medo de confessar o que sabemos e pensamos. Desperdiçamos essa oportunidade quando não participamos de eventos e debates públicos.

Aqui serve a velha regra: a capacidade de convencer outros não é um talento nato. É uma habilidade que *cresce com a prática*. Quanto mais expusermos os nossos argumentos à opinião dos nossos adversários mais

---

36. Bernard-Henri Lévy: *Ce grand cadavre à la renverse*, Paris, 2007.

aprenderemos a escolher os melhores argumentos. Quanto mais tivermos de nos defender em debates públicos tanto mais aprenderemos a cruzar com as fraquezas da esquerda. Deixem à esquerda o prazer de nos atacar! Quanto mais criticam o liberalismo tanto mais teremos a chance de divulgar as nossas mensagens. Afinal, o que seria pior para os Liberais na vida política do que cair no silêncio e ser ignorado?

Por fim, nunca devemos deixar a definição do liberalismo aos nossos inimigos e adversários. Eles não hesitarão um só momento em desenhar uma caricatura maliciosa e feia do que somos e do que queremos. Porque deixamos a esquerda desacreditar um conjunto de políticas liberais bem sucedidas que tornaram a recuperação da economia brasileira e a ascensão do Brasil à posição de "*global player*" possível? Nem sempre é ouro ficar calado e prata falar!

Os Liberais também têm que repensar a maneira como apresentam a mensagem da liberdade. Ainda formam uma minoria. Mas isso pode bem ser uma vantagem, pois, exatamente como posição minoritária, o liberalismo pode atrair pessoas que não querem ser como os outros. O Professor americano Bryan Caplan da Universidade George Mason faz uma recomendação interessante:

*"Existe mais de um caminho para fazer economia 'legal' ('cool'), mas eu gosto de tornar a economia atraente num elemento de descobrimento desobediente, de um sentido comum insolente. Quem não está ao lado da criança na fábula de Hans Christian Andersen que grita: 'O imperador está desnudo'? Talvez você esteja com medo de se distanciar do seu público, mas tudo depende de como você expressa as suas idéias. 'Eu tenho razão, você está errado' não tem impacto, mas 'Eu tenho razão, as pessoas fora dessa aula estão erradas e vocês seguramente não querem ser como elas', na minha experiência, tem muito impacto."* <sup>37</sup>

Caplan mostra que é bem possível melhorar o *marketing do liberalismo* com técnicas retóricas alternativas. Ainda existe muito mais espaço para novas idéias, novos métodos e novos enfoques!

---

37. Bryan Caplan: *The Myth of the Rational Voter. Why Democracies Choose Bad Policies*, Princeton and Oxford 2007, pág. 201 (citação traduzida por Rainer Erkens).



Não devemos, entretanto, subestimar o fato de que atitudes e opiniões políticas tendem a ser bastante teimosas. Tyler Cowan, outro economista da Universidade George Mason faz uma observação muito interessante. Ele pensa que muitas pessoas praticam "auto-decepção" na política. Elas querem sentir-se bem, querem sentir orgulho quanto a sua afiliação partidária e a sua opinião política. Não estão muito dispostas a ouvir argumentos que contradizem a sua convicção e ainda menos dispostas a aceitar esses argumentos. E até aceitando novos argumentos quase ninguém quer mudar sua afiliação partidária, que faz parte da sua biografia e de sua identidade. Preferem a auto-decepção que faz a vida mais fácil. Não têm interesse em mais informações porque estas podem abalar o seu imaginário. Cowan comenta:

*"Muitos cidadãos são deliberadamente teimosos e irracionais. Ao mesmo tempo, eles mantêm uma posição moralista fervorosa. Estão mais interessados em falar ao invés de escutar, o contrário do que um modelo baseado na acumulação de informações presume. Indivíduos têm a tendência de crer que o seu próprio interesse privado coincide com o interesse da nação. Debates e o intercâmbio de informações têm a tendência de polarizar opiniões em vez de produzir convergência."*<sup>38</sup>

Nesse mundo, os Liberais precisam tanto de bons argumentos e de bons métodos de marketing para nossos ideais como de perseverança e de tolerância.

Enfim, os Liberais nunca devem ter vergonha de estarem sós ou com poucos aliados. Friedrich A. Hayek escreve:

*"Novas idéias começam entre poucas pessoas. Com o tempo elas se espalham até que se tornam possessão da maioria, que sabe pouco sobre a origem delas."*<sup>39</sup>

---

38. Tyler Cowan: Self-Deception as the Root of Political Failure, artigo de 11 April 2003, em: <http://www.gmu.edu/jbc/Tyler/PrideandSelf.pdf> (citação traduzida por Rainer Erkens).

39. Friedrich A. Hayek: A Constituição da Liberdade, op.cit., pág. 112 (citação traduzida por Rainer Erkens).

O mesmo diz Ludwig von Mises:

*"Quando deixamos à maioria o direito de prescrever a minoria o que esta deve pensar, ler e fazer, então congela-se qualquer progresso."*<sup>40</sup>

Inovações e invenções sempre vêm de minorias. A maioria sempre carece de criatividade. Não quer correr riscos. Minorias mudam e movem o mundo. Numa sociedade aberta sempre existe um mercado, uma demanda para novas idéias, para inovações e invenções. Sempre existem pessoas que não estão de acordo com a maioria. Pessoas que estão à procura de alternativas e que precisam de orientação e de iluminação. Pessoas que necessitam de um espaço amplo para experimentar, para correr riscos e provar novos caminhos. Pessoas que precisam de liberdade. Sem estas pessoas, todo progresso seria inconcebível.

Pertencer à vanguarda nunca é uma vergonha enquanto essa vanguarda defender a liberdade.

#### 4. Vale a pena trabalhar com ou em um partido político?

A Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit define como um dos seus três objetivos principais o fortalecimento de organizações liberais e especialmente de partidos políticos liberais.

Num mundo em que os partidos políticos não têm boa reputação isso não é a opção mais confortável. Seria muito mais agradável, por exemplo, concentrar os esforços na cooperação com *think tanks* (tanques de pensamentos). Mas não podemos ignorar as vantagens dos partidos políticos. Na democracia, os partidos políticos desempenham um papel importantíssimo. Eles fazem parte da tomada de decisões políticas por causa da sua presença nos governos e nos parlamentos. Por isso eles têm poder. Os partidos também têm grande influência no debate público e na formação das opiniões políticas por ter acesso à mídia. Nenhuma pessoa que quer mudanças na vida política, econômica e social do seu país, no sentido liberal, pode simplesmente ignorar os partidos políticos.

---

40. Ludwig von Mises: Liberalismus, op.cit., pag. 48 (citação traduzida por Rainer Erkens).

### O efeito anti-partidário do ponto de vista liberal

Em quase todo o mundo os partidos políticos não gozam de muita simpatia do público. De onde vem este efeito anti-partidário? Existe uma abundância de pesquisas sobre as causas desse efeito que ameaça o futuro dos sistemas democráticos segundo afirma a maioria dos *experts*. Para os Liberais, o efeito anti-partidário tem muito a ver com o mundo "social-democrata" em que vivemos. Como sabemos, os "sociais-democratas" prometem aos eleitores serem capazes de solucionar os problemas. Mas isso só pode ser uma mentira por várias razões. Em primeiro lugar os políticos simplesmente carecem dos recursos materiais para solucionar os problemas do cidadão, já que o universo dos problemas potenciais não tem limites. A solução de um problema produz o próximo. Temas que hoje não encontram nenhum interesse, amanhã podem se tornar foco da discussão pública. Em segundo lugar, os políticos não sabem como solucionar muitos problemas. Nem sequer sabem qual vai ser o problema mais importante na semana que vem. Falta-lhes o conhecimento necessário. Em terceiro lugar, os políticos oferecem soluções diferentes ao mesmo problema. Falta unanimidade e clareza sobre as soluções – e sobre o que constitui um problema. Em quarto lugar, na realidade, os políticos não podem ter interesse demais em solucionar os problemas porque isso lhes renderia supérfluos. Assim os políticos nunca vão cumprir os desejos dos eleitores, desejos que, além de tudo, são muito confusos, muito controversos e contraditórios. Tudo isso deveria provocar, nos eleitores, a impressão de que eles estão sendo enganados pelos políticos. Mas na "social-democracia" eles estão acostumados a esperar dos outros a solução de seus problemas. Crêem nos políticos porque, caso contrário, os eleitores seriam forçados a atuar eles mesmos. Teriam de assumir a responsabilidade pelas suas próprias ações e omissões. Isso é pouco popular. A única saída deste círculo vicioso de promessas exageradas e esperanças ilusórias, que naturalmente deve produzir desilusão com a democracia e um forte efeito anti-partidário, seria a admissão, pela classe política, de que não são capazes de satisfazer as esperanças dos cidadãos. Seria a afirmação de que os próprios eleitores devem solucionar os seus problemas. Seria a confissão, por parte dos políticos, de que eles não podem fazer mais do que produzir as condições necessárias e favoráveis para que os eleitores mesmos possam cuidar da solução dos seus problemas e dos problemas do seu meio. Mas tal modéstia, tal realismo, seria o fim da "social-democracia" como um sistema de tutela institucionalizada. Seria o fim de um sistema, em que os políticos pretendem ser oniscientes e onipotentes enquanto os eleitores pretendem crer neles. Seria o começo de um sistema liberal porque torna ainda mais necessária a liberdade.

Entretanto, pouco vale a pena tentar trabalhar com todos os partidos ou com qualquer partido político. Os partidos que *tanto em sua prática como em seu programa exibem posições liberais* deveriam ser o principal endereço para os Liberais.

Nem sempre é fácil identificar estes partidos e o nome frequentemente pouco ajuda. Por um lado, existem no mundo partidos políticos que se chamam "liberais", mas que praticam uma política "social-democrata". Por outro lado, existem partidos que representam posições liberais sem se chamar "liberal". Muito depende da situação específica de cada país, a sua história, a sua cultura, as suas tradições e experiências políticas. Em um país árabe, pode ser muito difícil e mesmo perigoso proclamar a "liberdade" em público. Na América Latina, a existência de partidos históricos que se chamaram "liberais" para muitos "Liberais" de hoje, assim como para alguns eleitores, têm desqualificado o uso da palavra "liberal" no nome de um partido moderno.<sup>41</sup> Para outros, chamar-se liberal tem caído em descrédito por causa de políticas "neoliberais" e da propaganda esquerdista, nacionalista e populista contra essas políticas. Nunca faltam bons argumentos nem boas intenções para esconder bandeiras liberais claras.

Para identificar partidos liberais, tampouco serve contemplar os partidos liberais através dos óculos da pureza ideológica. Qualquer partido liberal que quer ser mais do que uma seita elitista de crentes é forçado a mover-se em um mundo dominado pela "social-democracia". Também na América Latina, todos os partidos políticos vivem numa cultura política dominada por clientelismo, fisiologismo e personalismo. Como já demonstrei em um dos capítulos anteriores, isso torna inevitável *assumir certos compromissos e fazer concessões*, sem os quais seria difícil ganhar o respeito e a atenção dos eleitores.

Contudo isso não é o único problema dos partidos liberais. Como todos os grupos compostos por seres humanos, partidos políticos liberais não são

---

41. É claro que não é recomendável usar etiquetas e marcas difamadas. Mas os Liberais têm a tendência de aceitar rapidamente o julgamento negativo dos seus adversários e inimigos quanto ao desempenho dos seus antecessores e correligionários. Em muitos casos, contudo, os erros históricos dos Liberais são tímidos em comparação com os erros dos seus adversários de esquerda, que frequentemente eram mais brutos e mais devastadores. É sempre fascinante observar que os Liberais são os primeiros a admitirem erros e falências, enquanto os pecados dos seus antecessores e partidos irmãos e ídolos nunca impedem os partidos da esquerda de continuarem a se chamar "socialista", "trabalhista" ou, até, "comunista".

imunes a erros. *Não são infalíveis*. Viver e lutar em um mundo onde a "social-democracia" tem a hegemonia ideológica, onde reinam clientelismo e fisiologismo, deixa os seus vestígios até nas cabeças e nos corações de muitos Liberais. Isso é duro para os observadores. Talvez estes observadores críticos possam ainda aceitar compromissos táticos de políticos liberais. Enfim, para formar maiorias em uma democracia, os Liberais têm de entrar em alianças e coligações com outros grupos que não são Liberais. Isso demanda negociações, concessões e sacrifícios. Muitas vezes, porém, partidos políticos liberais e os seus representantes públicos cometem erros, aberrações e burrices sem pressão de outros. Isto dói muito mais. Tais erros ou pecados podem ter a sua origem na falta de conhecimento sobre o liberalismo, no desejo de atrair mais eleitores ou simplesmente na busca de aplauso de um público "social-democrata". Podem ser *mera ignorância ou oportunismo*. Mas tanto a ignorância quanto o oportunismo fazem partidos políticos pouco atraentes para Liberais, ainda que os seus manifestos sejam bem aceitáveis.

A Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit está consciente dos limites dos partidos políticos liberais. Também sabe que não existe ortodoxia liberal, uma única versão do liberalismo que não aceita desvios e divergências. Apesar disso, mas também exatamente por essa razão a FNF tem declarado a cooperação com partidos liberais como um dos seus objetivos principais.<sup>42</sup> Se os partidos liberais já fossem perfeitos e impecáveis não seria necessário para uma fundação dedicar-se à educação política e trabalhar com partidos. Poderíamos finalizar a nossa missão. Mas a FNF está consciente de que tanto os déficits programáticos de partidos liberais quanto os seus déficits estratégicos ou a sua falta de capacidade de influenciar decisões políticas no sentido liberal merecem atenção.<sup>43</sup> É indispensável para a Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit que um partido liberal *reconheça os seus déficits e mostre a vontade de superá-los*. Somente então pode se tornar um parceiro.

Com todas estas cautelas, não deve ser difícil demais identificar os partidos liberais em cada país. São os partidos que têm programas que dão preponderância à liberdade em face de outros valores, como a igualdade, a

---

42. Ver Rainer Erkens: Die Kooperation der Friedrich-Naumann-Stiftung mit politischen Parteien in der Entwicklungszusammenarbeit. Hintergründe, Ziele und praktische Erfahrungen, Potsdam, 2006 (publicação da Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit).

43. Veja para a cooperação prática da FNF com partidos políticos, por exemplo, o website do Instituto Friedrich Naumann para a Liberdade no Brasil, [www.ffn-brasil.org.br](http://www.ffn-brasil.org.br), que informa sobre eventos e atividades.

"justiça social" ou a segurança de que todos não são possíveis sem coação. São os partidos que na luta cotidiana resistem à tentação "social-democrata". São os partidos que não exprimem a sua crença na onisciência e na onipotência do Estado, mas lutam pela redução dos impostos e das tarefas do Estado. São os partidos que lutam contra a burocracia, contra proibições e censura e contra as cargas tributárias que enriquecem o Estado à custa do cidadão. São os partidos que se apresentam em favor de mais concorrência e mais iniciativa privada. São os partidos que querem deixar a decisão sobre o que é bom ou ruim nas mãos dos cidadãos. São os partidos que querem oferecer às pessoas a possibilidade de escolher entre alternativas em vez de prescrever-lhes soluções padronizadas. São os partidos que defendem a propriedade privada e o Estado de Direito contra a arbitrariedade dos poderosos e a impunidade que ajuda os criminosos.

Para Liberais existem muitas formas de cooperação com tais partidos políticos liberais. A forma mais direta é afiliar-se ao partido. Para muitos Liberais isso é um caminho custoso demais. Exige paciência, tolerância e perseverança, porque em um partido político se reúnem pessoas com motivações individuais das mais diversas, e que, de vez em quando, nem sequer têm a ver com o programa político do partido. Algumas pessoas se filiam a um partido político porque é uma tradição na família. Outras são motivadas por ambição, por interesses privados ou por um tema específico. Também existem pessoas que buscam companhia e uma maneira interessante de passar o seu tempo livre. Outros têm a idéia de que fazer parte de um partido é um dever do cidadão. Se acrescentarmos ainda a diversidade de biografias, circunstâncias e talentos individuais que encontramos em um partido, torna-se óbvio que nem sempre é fácil participar de um partido político para a divulgação de idéias liberais. Mas em muitos partidos ser afiliado é o único caminho para ganhar um mandato no parlamento. É também um bom método para influenciar as propostas do partido e despertar o interesse dos eleitores.

A participação na vida cotidiana de um partido tem a vantagem de ajudar bastante no marketing das idéias liberais. Fazer parte de um partido e ter de discutir com os outros afiliados é uma *boa escola de prática*. O contato com pessoas "normais" é um "teste de realidade". Ajuda especialmente os Liberais que gostam de livros e textos teóricos. Faz necessário que eles revejam os seus argumentos e melhorem as suas estratégias e técnicas retóricas. Serve para experimentar com novas idéias. Ajuda a ganhar experiência para debates. Serve para refinar os pensamentos. Também informa sobre as opiniões e os

sentimentos, os prejuízos e a sabedoria dos eleitores. Quem não consegue nem convencer os seus correligionários do mesmo partido terá pouca chance de ganhar em um debate com os adversários políticos. Um Liberal que quer apresentar-se como candidato numa eleição expõe-se ao julgamento mais duro possível: ao voto.

Outro caminho é a cooperação com a cúpula de um partido e com seus representantes públicos no nível municipal, estadual ou nacional. Aqui o Liberal pode desempenhar *o papel de um especialista ou um consultor*, que escreve relatórios, ajuda na busca de soluções liberais para problemas concretos ou dá consultoria em questões estratégicas e táticas. Normalmente, nesse nível um Liberal pode exercer influência diretamente sem ter que subjugar-se aos processos democráticos de formar alianças, construir maiorias e comunicar com a base do partido. Mas raras vezes um especialista ou um consultor vai ter a chance de ganhar um mandato. Tampouco tem que justificar-se no caso do fracasso das suas propostas, o que reduz a sua responsabilidade. Trabalha, no máximo, como "eminência parda". Quase nunca tem a mesma visibilidade pública que um político. Apesar dessa desvantagem, essa opção corresponde ao anseio de muitos Liberais com grande capacidade intelectual por exercer influência. Ao mesmo tempo, serve ao seu desejo de ficar fora da areia política pública mantendo o anonimato.

Mesmo o leitor que recusa categoricamente qualquer idéia de apoiar ativamente ou identificar-se publicamente com um partido político não deveria esquecer que os políticos precisam de incentivos para fazer o que devem fazer de um ponto de vista liberal. Muitos Liberais – e na verdade muitos votantes em geral – gostam de criticar os políticos pelos seus erros, mas nunca os elogiam por terem feito algo bom. Políticos, porém, também *precisam de cumprimentos* por ações favoráveis a nossa causa. Necessitam do nosso aplauso quando agem a nosso favor, em favor da liberdade.

Com todo o desprezo generalizado pelos políticos, também popular em círculos liberais, existe a tendência de *ver somente as derrotas, nunca as vitórias da causa liberal*. Os Liberais têm a tendência de desprezar potenciais aliados nos partidos políticos por eles não serem Liberais perfeitos e por eles não estarem dispostos a perder eleições. Mas uma das grandes virtudes do liberalismo deveria ser exatamente a sua capacidade de observar o mundo sem óculos ideológicos. Isso ajuda a reconhecer e premiar diferenças entre os vários partidos. *Nem todos os políticos e todos os partidos são iguais*.

Se os Liberais querem ganhar aliados no campo político – e isso é uma das propostas desta obra – têm que *sublinhar as diferenças entre os partidos* e identificar políticos que estão no caminho correto. Isso pode parecer uma posição bastante modesta, quase terapêutica, mas em um mundo dominado por “sociais-democratas” os Liberais precisam de paciência contra a lavagem cerebral e a chuva de retóricas paternalistas a que os eleitores e os políticos estão expostos todos os dias.

## 5. Conclusão: as chances do liberalismo

Nos capítulos anteriores falei sobre a necessidade de aceitar a realidade se queremos mudar o mundo. Falei sobre o desafio de melhorarmos os nossos conhecimentos. Falei sobre a coragem de confessar em público que somos Liberais. Agora falta ainda falar sobre as nossas chances. Elas vêm do nosso ponto mais forte: a nossa causa. Apesar de todos os desafios que temos, nunca devemos esquecer que a nossa causa é a maior vantagem de que dispomos. É a força que nos inspira. É o nosso “best-seller”.

Em um mundo sob o controle da “social-democracia”, o que governam são o conformismo e a mediocridade, a estagnação e o receio, a indiferença e o aborrecimento. É natural que os beneficiários da situação, as pessoas que hoje se encontram em posições de poder e privilégios, queiram persuadir todos que precisam da sua proteção contra os riscos reais e imaginários do presente e do futuro. Mas o Estado do bem-estar, tão louvado pelos “sociais-democratas”, produz coerção em vez de liberdade. Produz pessimismo em vez do desejo de aproveitar as oportunidades de hoje e de amanhã. Produz passividade em vez de participação ativa na vida pública. *Produz clientes em vez de cidadãos.*

Não há dúvida: garantir proteção e segurança contra todos os riscos da vida humana vai encontrar apoio em alguns setores da população. Contudo, não é, nem nunca será uma mensagem que moverá o mundo.

Protecionismo e tutela não sabem inspirar o coração e o espírito. É o programa dos covardes e medrosos. Não é uma oferta para pessoas que querem conquistar o futuro. Para pessoas que querem viver em um mundo melhor ou que querem que as suas crianças vivam em um mundo melhor. Para pessoas que têm ambição e não aceitam o *status quo*. Para pessoas dispostas a correr



riscos e enfrentar desafios buscando e tomando novos caminhos. Eles não querem mais segurança, mas mais liberdade, o cerne do nosso programa.

Contrariamente à segurança, a liberdade é uma fonte de motivação e de energia. Produz coragem e alegria, estimula a curiosidade e a fantasia, premia a iniciativa e a disposição de aprender. É uma fonte de satisfação e de felicidade.<sup>44</sup> O liberalismo oferece novos horizontes àqueles que estão fartos de seguirem as velhas trilhas e de dormirem confortavelmente nos braços do Estado.

Temos que procurar aliados em todos os setores da sociedade. Porque, ao contrário de certos preconceitos antiquados, a ânsia de liberdade e o desejo de autodeterminação *não são privilégios dos ricos e bem-educados*. Têm simpatizantes e amigos em todos os setores do povo. Na verdade, muitos ricos e bem-educados já saturados há muito tempo, têm traído a idéia da liberdade. Querem proteger os seus interesses, a sua riqueza, as suas vantagens, o seu acesso ao poder. Não estão interessados em mercados abertos, em mais concorrência nem no fim da corrupção.

Um bom Liberal não somente sabe apresentar bem os seus argumentos como também sabe escutar. Respeita a opinião dos outros mesmo que não as compartilhe. Uma das bases humanistas do liberalismo é a nossa convicção de que sabemos tão pouco que, sem o intercâmbio com outros, não podemos sobreviver. Como escreve Friedrich A. Hayek:

*"A idéia básica... é que ninguém pode saber quem sabe alguma coisa melhor e que o único caminho por meio do qual nós podemos descobrir é o caminho através de um processo social, em que cada indivíduo pode tentar e ver o que ele alcança."*<sup>45</sup>

Queremos convencer em vez de persuadir. Queremos tanto aprender como ensinar. Não estamos interessados em confrontação permanente como os

---

44. Uma pesquisa do Deutsche Bank mostra, por exemplo, que nos estados que pertencem à Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) existe uma relação clara entre o grau da liberdade econômica de um país e o nível de felicidade dos habitantes. Quanto mais liberdade existe tanto mais felizes são as pessoas. Ver Deutsche Bank Research: Die glückliche Variante des Kapitalismus, [www.dbresearch.de](http://www.dbresearch.de) („Temas Actuais" 380, de 2 de abril, 2007).

45. Friedrich A. Hayek: Individualismus und wirtschaftliche Ordnung, segunda edição, Salzburg, 1976:27.

esquerdistas, nacionalistas e populistas. Não buscamos objetos de ódio nem bodes expiatórios para mobilizar emoções negativas que desligam e destroem o raciocínio crítico. Os Liberais não querem semear ódio nem inimizade. Não precisam de inimigos que devem ser silenciados ou até eliminados. A mensagem da liberdade não é compatível com censura, proibições ou coação. Estamos convencidos de que censura, proibições e coações não funcionam em longo prazo.<sup>46</sup>

Há muito tempo temos o programa correto. Só falta sair e desafiar os nossos adversários. Não existe razão para esperarmos mais.

---

46. Ver John Meadowcroft et al.: Prohibitions. Why outlawing particular goods and services is bad public policy, Institute for Economic Affairs, London, 2008.

## Apêndice

Doze regras simples para se tornar um político bem-sucedido: <sup>47</sup>

### Regra 1

Pense estrategicamente. Nenhuma receita é melhor para o sucesso do que planejar suas atividades cuidadosamente e agir de acordo com um plano estratégico claro.

### Regra 2

Não planeje simplesmente para a vitória. Saiba e diga aos seus eleitores, o que você fará depois de vencer a eleição.

### Regra 3

Analise suas forças e fraquezas. Tente reduzir as fraquezas que o impedem de alcançar o êxito.

### Regra 4

Ouçã as pessoas e foque-se nas necessidades principais delas.

### Regra 5

Concentre-se em três pontos, que sejam do interesse de seus eleitores e atenha-se a estes pontos.

---

47. Rainer Erkens: Doze regras simples para se tornar um político bem-sucedido, publicação do Instituto Friedrich Naumann, São Paulo, 2008.

### **Regra 6**

Não tente agradar a todos. Transforme seus opositores nos seus maiores aliados, pois ninguém pode dar a você mais credibilidade do que o seu oponente.

### **Regra 7**

Fale direta e claramente. Use exemplos – e evite detalhes.

### **Regra 8**

Fale sobre resultados concretos aos seus eleitores. Esqueça procedimentos, métodos e instrumentos.

### **Regra 9**

Não perca o senso de realidade. Aceite os eleitores como eles são.

### **Regra 10**

Esteja disponível e ouça às pessoas determinantes para o seu sucesso. Recompense lealdade com lealdade e lute por seus eleitores.

### **Regra 11**

Qualquer plataforma pode ser utilizada para promover seu caso. Mas você precisa ter uma mensagem.

### **Regra 12**

Dinheiro não é tudo. Políticos bem-sucedidos sabem como substituir recursos escassos por outros tipos de recursos. E não são discretos sobre o orçamento dos opositores.